



INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

CARTA ABERTA À COMUNIDADE ACADÊMICA

Em sua reunião de 19 de outubro a Congregação da FFLCH aprovou documento encaminhado pela Direção, e decidiu incorporá-lo como texto-base para a realização de uma seqüência de reuniões em várias instâncias para examinar os problemas nele suscitados. É o seguinte o teor do documento.

CARTA ABERTA À COMUNIDADE ACADÊMICA

A questão do uso dos espaços nos diversos prédios da FFLCH ganhou caráter agudo ultimamente, com episódios que incluem manifestações estudantis de vários tipos. A sua importância transcende, contudo, as propostas e reações episódicas. Está em jogo toda uma concepção da natureza da universidade pública.

Convém expor, sumariamente, a questão pontual que suscitou o desentendimento e os embates em curso. À primeira vista trata-se simplesmente de saber se cabe ou não instalar uma lanchonete em área do prédio de Filosofia e Ciências Sociais, que vem sendo utilizada pelos respectivos centros estudantis para suas atividades. Na realidade, trata-se de muito mais do que isso. Está em jogo uma concepção muito precisa do que deve ser feito nesta escola para nela construir a difícil mescla de diversidade e unidade, sem a qual ela perde vitalidade e desliza rumo à estéril fragmentação da rotina menor. Em termos programáticos, essa concepção se traduz numa seqüência de prioridades. Em primeiro lugar, atenção nas atividades-fim: ensino e pesquisa têm primazia absoluta. Em segundo lugar, ênfase no uso compartilhado de espaços e equipamentos. Em terceiro lugar, especial empenho na criação de espaços de convivência abertos a todos que de alguma maneira participam da vida desta escola.

Este último ponto tem importância decisiva para o conjunto: sem ela a vida acadêmica perde o oxigênio que só pode retirar do encontro diferenciado e irrestrito, que hoje não tem como se realizar. É, pois, um equívoco supor que a área em questão (o porão da antiga biblioteca de Filosofia e Ciências Sociais, um andar abaixo de área efetivamente reservada para os centros estudantis e por eles ocupada) venha a ser convertida em “lanchonete” sem mais. A idéia é reservar esse espaço (que se projeta sobre amplo gramado) para constituir aquela área de convivência da escola toda, da qual os serviços de alimentação seriam meros componentes.

O que se opõe a isso? Há protestos veementes de setores estudantis, que vêem nessa proposta um atentado às suas liberdades e, sobretudo, à sua “autonomia” (pelo que entendem a capacidade de dispor de espaços próprios e deles fazerem o uso que quiserem). Um ponto da querela em curso merece especial consideração, porque toca o cerne das questões programáticas referidas acima. Diz ele respeito ao caráter *público* da universidade e, por conseqüência, dos seus espaços. Nas recentes manifestações estudantis transparece uma combinação entre um peculiar entendimento do que vem a ser público com uma aplicação linear do princípio majoritário. Isto resulta no lema, proclamado até em documentos escritos, de que a “a universidade é nossa” (presumivelmente porque os estudantes constituem a maioria na instituição). Isto é de suma importância para o debate sério do tema. Na base dessa concepção está o entendimento de que público é aquilo que pertence a todos, ou não pertence a ninguém (ou, então, pertence à maioria). O critério, portanto, é de posse, ou, no limite, de propriedade. A isto, contudo, cabe contrapor uma concepção do caráter público de uma instituição que retoma

Sumário

CARTA ABERTA À COMUNIDADE ACADÊMICA	1
ARTIGO	
<i>SOBRE OS SENTIDOS DA EXPRESSÃO "FALTA DE ÉTICA"</i>	3
HOMENAGEM	
<i>HOMENAGEM AO PROFESSOR FLÁVIO WOLF DE AGUIAR</i>	4
ENTREVISTA	
<i>FLÁVIO WOLF DE AGUIAR</i>	12
ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO	
DIRETORIA	16
VICE-DIRETORIA	18
SECRETARIA DA DIREÇÃO E DA VICE-DIREÇÃO	19
COMISSÃO DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E APOIO PARA CONVENIOS CULTURAIS E INTERCÂMBIOS	19
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO	21
EDITORA HUMANITAS	24
SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS E SEÇÃO DE GRÁFICA	26
SEÇÃO TÉCNICA DE INFORMÁTICA	28
DEPARTAMENTOS – PRÉDIO DE LETRAS	29
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS	30
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS	31
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS	33
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA	35
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA	37
EVENTOS	39

a grande vertente clássica e republicana do tema, segundo a qual o termo tem caráter normativo. Designa uma orientação da conduta: precisamente a que tem por objetivo a excelência de um modo de sociabilidade como um todo, com base no *compartilhar* e não na *posse* privada. A universidade, no caso, não será pública porque está reservada para esses ou aqueles, senão porque todos os seus integrantes se dirigem a ela como a referência maior das suas condutas. Tal conduta requer formas de convivência propícias; e é exatamente isto que se procura oferecer com medidas como a que está em pauta.

A abertura de espaços de convivência compartilhada ao invés da ocupação de fato, segmentada e auto-referida, tem especial importância no caso dos estudantes (ao lado da reserva, que ninguém contesta, de locais adequados nos quais suas entidades representativas possam tratar das questões que lhes são específicas). É que ela pode contribuir para fazer frente à tendência, presente no meio estudantil, a oscilar entre a posição de *cliente* (queremos financiamento sem ônus para as nossas atividades, exigimos instalações e equipamentos melhores) e a posição de *posse* (a escola é nossa, nós mandamos aqui). O lema que vem sendo proclamado pelos manifestantes estudantis, "a USP é nossa", remete à criação e manutenção de espaços privados com usufruto pleno – a expressão mais acabada do privilégio –, em proveito de uma única categoria acadêmica. Isto é inaceitável, ao estimular uma relação parasitária e predatória com a universidade. Cumpre repensar a fundo as relações entre as diversas categorias acadêmicas e as de todas elas com o conjunto, em busca de soluções que concedam a devida primazia aos objetivos da universidade – mediante, por exemplo, a conversão de vantagens e subvenção difusas em financiamento a serviços e equipamentos. Ganha relevo, neste contexto, o problema da íntima associação entre a questão do uso dos espaços estudantis e a dos meios e modos de financiamento das suas atividades.

É preciso reconhecer que aquilo que à primeira vista parecia ser um problema menor e local revela-se ques-

EXPEDIENTE

REITORA:
Profa. Dra. Suely Vilela
VICE-REITOR:
Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

DIRETOR:
Prof. Dr. Gabriel Cohn
VICE-DIRETORA:
Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokóí (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar (DLCV) e Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. **SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:** Eliana Bento da Silva Amaluzzi Barros – MTb 35814. **COORDENAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815, **PROJETO GRÁFICO:** Dorli Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva – MTb 35870. **DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka. **COLABORADORES:** Aline Vicente Miguel, Daniela Yoko Taminato, Monique Fonseca Carvalho e Verônica Reis Cristo. **REVISÃO:** Verônica Reis Cristo. **FOTOS:** Eusebio Gregório Costa. **SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS:** João Fernando Querido Salvado. **IMPRESSÃO:** Gráfica – FFLCH/USP. **TIRAGEM:** 1500 exemplares.

tão central, relativa a temas graves que dizem respeito à universidade como um todo. A questão da forma de uso de espaços reservados a categorias específicas dentro da universidade, em especial no caso dos estudantes – de longe a categoria mais beneficiada pela ocupação, regulamentada ou por mero costume, de áreas privativas – deve ser objeto de exame aprofundado e debate sério. Isto envolve uma pauta de debates para o período próximo, sempre com referência ao tema fundamental, das relações entre as diversas categorias da comunidade acadêmica em busca da construção de um novo pacto de convivência. Primeiro, a questão do uso, por todas as categorias, do espaço nas unidades de ensino e pesquisa;

depois, a do real significado da “autonomia” de cada categoria, com referência especial àquela que mais a invoca, a dos estudantes – e, no caso destes, se essa autonomia pode ser alcançada sem auto-financiamento das suas atividades; finalmente, e como decorrência direta da questão anterior, deve ser examinada a fundo a relação que historicamente se estabeleceu em muitas senão todas as unidades da USP, entre a ocupação de espaços por grupos estudantis e modalidades de busca de financiamento para suas atividades. Se essa tarefa fundamental de reflexão crítica não for enfrentada com urgência, o alarido, as ameaças e as condutas agressivas prevalecerão sobre o argumento racional em nome da universidade.

ARTIGO

SOBRE OS SENTIDOS DA EXPRESSÃO “FALTA DE ÉTICA”

PROF. DR. MILTON MEIRA DO NASCIMENTO

Basta prestarmos atenção nos discursos para verificarmos que já se tornou lugar comum a expressão “falta de ética” para designar uma multiplicidade de comportamentos e de atitudes que, supostamente, estariam ferindo alguma ética, sem que se explicita também qual.

Se entre os gregos e romanos a ética designava uma disciplina que tratava da disposição de caráter que devia ser moldado dentro de uma certa tradição de costumes e de leis escritas ou não ou, então, um conjunto de normas e leis segundo as quais os indivíduos deveriam se pautar, o mal-estar atual, à primeira vista, parece indicar que a chamada “falta de ética” é apenas a prática sistemática do não-cumprimento das regras que norteiam a vida em sociedade.

Se pensarmos nas grandes religiões, com seus sistemas de moral, não é muito difícil, por exemplo, para um cristão, para um judeu ou para um muçulmano, identificar quando o seu comportamento se torna incompatível com a religião da qual é adepto. A falta de ética, nesses casos, é agir fora dos padrões morais que se apresentam nos textos sagrados ou então que a tradição forjou por intermédio e com base neles. Nesses casos, a disposição de caráter do cristão, do judeu ou do muçulmano é cunhada dentro de uma prática educacional que tem como propósito a transmissão do legado de uma forte tradição que precisa a cada momento fortalecer-se e, quando muito, adaptar-se aos tempos sem perder as raízes.

Com o fortalecimento das religiões, sobretudo após o

advento do cristianismo, a moralidade religiosa vai ficando cada vez mais atrelada às instituições laicas, às corporações e às organizações políticas, até que a necessidade de autonomia da vida política estabeleça uma ruptura ou pelo menos delimite muito bem os campos da moralidade religiosa que não pode se confundir com aquela que deve acompanhar a vida política nas sociedades modernas. Nestas, impõe-se, por exemplo, a convivência entre religiões diferentes no mesmo espaço político, no qual a tolerância passa a ser a regra dos comportamentos de adeptos de religiões diferentes, sob pena de desagregação das condições elementares da boa convivência.

No plano das corporações ou, mais recentemente, das associações profissionais, com a delimitação de seus campos cada vez mais específicos, surge a necessidade de criação de normas que possam moldar o caráter dos profissionais, cujo comportamento terá uma pauta muito especial, de acordo com as exigências de cada profissão.

A grande dificuldade é a construção de normas que regulem o comportamento dos cidadãos, em geral adeptos de religiões diferentes e inseridos em profissões e atividades distintas. Demos exemplos das religiões tradicionais, e das associações profissionais, mas poderíamos acrescentar aí muitas outras religiões, organizações e agrupamentos sociais com fins específicos.

Como visualizar a possibilidade de que indivíduos de

uma determinada sociedade pluralista, possam ter uma disposição de caráter moldado por um conjunto de normas e leis claramente expostas e compreendidas por todos sem que haja muitas ambigüidades, de tal modo que todos estejam cientes das regras do jogo? Se isso for possível, então estaremos em condições de estabelecer também com muita clareza o que é um comportamento "antiético".

Essa questão diz respeito à construção mesmo da comunidade política e da figura do cidadão. A frequência da ocorrência da expressão "falta de ética" indica certamente uma ausência de clareza a respeito do seu significado para além daqueles que indicamos acima, isto é, do universo religioso ou das demais atividades de grupo nas quais os indivíduos se sentem mais confortáveis para identificarem o conjunto de regras que devem nortear os comportamentos.

O julgamento das práticas consideradas "sem ética" advém exatamente das inserções religiosas ou de grupos, e, frequentemente, assume um tom moralista muito forte, como se as regras quebradas fossem muito claras, tal como nas grandes religiões. O que queremos dizer é que, com a vida política e a cidadania em construção, faltam regras claras do jogo. As instituições políticas extremamente frágeis permitem práticas totalmente fora de controle ou então pautadas por outras regras que não as da política, não públicas, mas típicas de indivíduos inseridos no espaço público pelo viés de sua particularidade e presos a ele.

Quando as regras do jogo da vida política não são claras, "o que se quebra" resvala sempre para instâncias

particulares, que estão pautando a vida de todos. Por isso mesmo, a expressão "ética na política" só pode indicar um comportamento condizente com as regras do jogo político. E entendemos por jogo político não somente o exercício da atividade política por supostamente "profissionais do ramo", os políticos, mas por todos os cidadãos, os quais, numa vida política normal, assumem cargos políticos eventualmente, sem que isso venha a transformar-se numa profissão. Aliás, desde quando o exercício de algum cargo político se transformou em profissão? Se assim fosse, bastaria fazer um código de ética para os "políticos profissionais", para que houvesse "ética na política". As comissões de ética do nosso Congresso são uma tentativa para isso, num reconhecimento, ou melhor, num auto-reconhecimento de que ali se exerce uma profissão. A política só se tornou "profissão" por uma aberração do sistema representativo.

O mal-estar revelado pela tão repetida expressão "falta de ética" é um sintoma da falta de regras claras que regulamentem a vida política e todas as instituições necessárias para o seu bom funcionamento. Sem o fortalecimento dessas instituições, sem uma vida política intensa que envolva os cidadãos na construção de projetos comuns viáveis, sem o fim da chamada categoria dos "profissionais da política", a "falta de ética na política", por exemplo, ou simplesmente a "falta de ética" será tão polissêmica quando vazia de sentido ou então mera expressão de um moralismo exacerbado.

HOMENAGEM

HOMENAGEM AO PROFESSOR FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

POR ALINE VICENTE MIGUEL

No último dia 28 de setembro, a Diretoria e a Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas realizaram uma homenagem ao professor *FLÁVIO WOLF DE AGUIAR*, por ocasião de sua aposentadoria.

Flávio, professor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, optou por se aposentar da Universidade para se dedicar a outros trabalhos e projetos. Colaborador da Agência Carta Maior desde 2003, ele agora vai assumir o cargo de editor-chefe da mesma. Como colaborador, ele escreve artigos e realiza coberturas televisivas, como as dos Fóruns Sociais Mundiais. Agora, pretende se dedicar mais ao jornalismo, como uma maneira de acompanhar mais de perto as mudanças políticas e sociais pelas quais o mundo vem passando desde as últimas décadas.



Prof. Dr. Gabriel Cohn

Além disso, o professor possui alguns projetos literários, o que inclui a criação de livros de ficção, de crônica e de crítica.

A abertura do evento foi feita pelo diretor da FFLCH, professor Gabriel Cohn. Já a vice-diretora, professora Sandra Margarida Nitrini, conduziu a mesa, composta pelo pró-reitor de Cultura e Extensão e ex-diretor da Faculdade, professor Sedi Hirano; pela professora Zilda Márcia Gricoli, do Departamento de História; pelo professor Flávio Wolf de Aguiar, pela funcionária Marlene Petros Angelides e pelo assistente acadêmico José Clóvis de Medeiros Lima.

Inicialmente, o professor Sedi explicou o motivo de sua presença. "Estou aqui não apenas na condição formal de pró-reitor e de representante da Reitora, mas também na condição de amigo pessoal do Flávio e de sua família", afirmou. O Pró-reitor lembrou a atuação de Flávio na presidência da Associação dos Docentes da USP (Adusp) entre os anos de 1989 e 1991. "Nessa época, eu era secretário executivo do Cruesp (Conselho dos Reitores das Universidades Estaduais Paulistas). Flávio participou da elaboração e da assinatura de um documento histórico, que definia uma data-base para as discussões salariais na USP, Unicamp e Unesp", explicou. Sedi também ressaltou a cordialidade do colega e amigo. "Ele não misturava a diplomacia com o grande espírito de luta em defesa dos funcionários, dos professores e da própria Universidade de São Paulo".

A professora Sandra, por sua vez, fez uma breve apresentação do homenageado, destacando o seu engajamento institucional e a sua militância política. Já a professora Zilda leu o texto *Entre os pampas, a selva de pedras, os Céus e o espaço cibernético: as múltiplas territorialidades de Flávio Aguiar*, escrito por ela. Nele, a professora fala sobre a atuação do homenageado em diversas frentes (literatura, teatro, jornalismo, educação, etc), "com o intuito claro de desvendar os mundos e dialogar com todas as possibilidades da produção cultural".

O homenageado discursou de uma maneira inusitada: leu uma carta dirigida ao professor Gabriel e a todos os presentes na ocasião, lembrando momentos significativos de sua trajetória na USP e justificando as opções feitas ao longo de sua vida.

Por fim, a funcionária Marlene Petros, do centro Angel Rama, entregou ao professor uma placa de homenagem e agradeceu a oportunidade de ter trabalhado com ele durante oito anos. "Convivi, nesses oito anos, com muita compreensão, solidariedade, respeito profissional e humano, reconhecimento e o aconselhamento diário", afirmou.

A sessão foi encerrada pelo diretor, que refletiu sobre a experiência do homenageado, tendo em vista as diversas atuações de Flávio. "O que está em jogo aqui é o exercício de uma experiência continuada. Hoje se fecha um ciclo, mas abre-se outro, para o qual ele retoma, de maneira enriquecida, tudo o que foi acumulado nas suas múltiplas atividades, tudo o que foi acumulado nessa experiência, que significa reflexão e intervenção, para projetá-la num novo horizonte. Que seja muito bela a sua experiência", finalizou.



Sandra, e Flávio

DISCURSO DA PROFESSORA SANDRA MARGARIDA NITRINI

Tenho o prazer de participar desta sessão de homenagem ao nosso colega, Flávio Wolf de Aguiar, professor de Literatura Brasileira desta Faculdade, desde 1973. Deixa-nos para se dedicar a outros projetos profissionais.

Durante 33 anos, Flávio viveu intensamente a vida universitária: participou com empenho de órgãos colegiados, de assembleias, de plenárias; engajou-se em todas as lutas em defesa da qualidade do ensino público; esteve presente em fóruns de discussões sobre o currículo de Letras, convocados por órgãos colegiados, ou pela comissão Interdepartamental de Letras, ou por entidades estudantis. Esteve presente em muitos outros fóruns sobre assuntos importantes que diziam respeito não só ao nosso espaço universitário mas a questões pungentes que afetavam a sociedade. Tenho em mente o perfil do Flávio, como defensor firme de suas idéias, aberto ao diálogo e mesmo à conciliação, quando se impunha interesse coletivo. Nas discussões acaloradas, sempre atuou com equilíbrio e elegância. Flávio foi ainda um militante da Adusp, tendo sido seu presidente na década de noventa.

Esta vertente de engajamento institucional e de militância política desde os tempos da ditadura, quando ainda estudante e jovem professor, constitui um aspecto

diferencial do Flávio. Ele é também um excelente professor, pesquisador e formador de mestres e doutores. Digase de passagem, professor querido dos alunos, dos funcionários e dos colegas.

Sua produção intelectual no âmbito dos estudos alencarianos, do teatro do século XIX, da dramaturgia e da literatura brasileiras, em geral, é extensa e amplamente reconhecida nos meios acadêmicos. Não é o caso de se enumerarem aqui seus artigos, ensaios, capítulos de livros, livros de autoria própria, livros organizados individualmente ou em co-autoria, mas convém lembrar que ele foi agraciado com o prêmio Jabuti, por duas vezes: em 1984, na Categoria Ensaio Literário (*O verso e o reverso de José de Alencar*) e em 2000 na Categoria romance (*Anita*).

Além de romance, escreveu poesia. Cito *Colar de vidro e outros poemas*, publicado em 2002. O talento que conhecemos do ficcionista e poeta ilumina seus ensaios, cujo caráter criativo é impar.

Até há pouco, podíamos vê-lo como um excelente apresentador de programas na TV USP. Foi também Diretor do Centro Interdepartamental Angel Rama, onde desenvolveu vários projetos acadêmicos e realizou eventos que resultaram em livros. Recentemente, foi o responsável pela implantação do sistema de Web Rádio da Faculdade e foi Presidente da Comissão Editorial de Audiovisual. Participou também da Comissão Editorial do Informe da FFLCH.

Com certeza esta apresentação rápida da atuação de Flávio nos 33 anos dedicados à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas é bastante incompleta, mas acredito que seja suficiente para que se compreendam as razões desta homenagem da Congregação ao nosso colega professor, pesquisador, formador de mestres e doutores, escritor, engajado na instituição e militante político. Com este histórico, Flávio poderia ter se aposentado como professor titular; não escolheu este caminho e para isso deve ter seus motivos. Não é praxe a Congregação homenagear nestes moldes professores que se aposentam. Considero esta homenagem inusitada como o reconhecimento legítimo de sua contribuição intelectual de primeira linha e de sua valiosa contribuição institucional à nossa Faculdade e à nossa Universidade.

Esperamos contar com você, quando for convidado para participar de nossas reuniões acadêmicas e nossos fóruns de discussões sobre temas de interesse para a universidade e a sociedade brasileiras. Tenho certeza de

que serão muitos os convites. Parabéns, Flávio. Que suas realizações daqui para a frente sejam tão bem sucedidas quanto a sua atuação entre nós. Transmito-lhe o abraço da Congregação.



Flávio, Zilda e Marlene

ENTRE OS PAMPAS, A SELVA DE PEDRAS,
OS CÉUS E O ESPAÇO CIBERNÉTICO:
AS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES DE
FLÁVIO AGUIAR
ZILDA MÁRCIA GRICOLI IOKÓI

Ser gaúcho não é qualquer coisa. É estar na fronteira, viver em territorialidades múltiplas, assimilar valores de inúmeros mundos e, especialmente compor simbioses entre o eu e o outro. Não é por acaso que o movimento faz parte do seu ser interior e exterior. Entre o sul e o norte, do chimarrão e churrasco, aos mingaus de coco e azeite de dendê, compreendeu a necessidade de dar ternura ao caudilho em nome do carinho da mainha tão valente como os vaqueiros nas invernadas! Tratou de entender o pensamento e a cultura brasileiros e, especialmente em conhecer e reconhecer pessoas. Seus poemas retratam a ânsia pelas muitas figuras humanas que dão vigor a epopéia das narrativas locais e regionais. Daí as muitas paixões.

Os estímulos foram tantos, que citarei apenas os mais óbvios: Veríssimo, Dyonélio, Alencar, Antonio Candido. Com essa galeria de possibilidades nosso homenageado pode ser definido como um homem simples e de vários mundos.

Como o personagem Naziazeno, de Dyonélio Machado em *Os Ratos*, seu pensamento em espiral avança na noite de insônia: rememora encontros, negativas, buscas, necessidade, jogos, fome, fracasso, cansaço, lembrança do semblante tristonho da mulher, dor no corpo, a doença das meninas, o resultado do bicho, negativas, impotências.

Flávio abre sempre muitas frentes, com o intuito claro de desvendar os mundos e dialogar com todas as possibilidades da produção cultural. Daí a formação diversificada: literatura, teatro, jornalismo, educação. Essa plêiade de linguagens e aportes teóricos completa-se com o ser político. Homem da *polis*, sabe respeitar as divergências e alterar posições numa coerência exemplar. Com companheiros e adversários, a doçura da discordância não se interpõe às gentilezas, e ao respeito humano traço decisivo de seu modo de ser, mas não lhe tira a firmeza, a defesa veemente de valores e idéias, estas prenes de democracia, pois sabe negociar e reconhecer quando o outro têm proposta mais adequada.

Como professor, estimula os estudantes a desbravarem veredas muitas vezes espinhosas, mas férteis no desenvolvimento de novos caminhos da teoria e da crítica literária. Como orientador dezenas de mestres e doutores atestam a generosidade, a amizade e o estímulo à todos os que com ele puderam partilhar da viagem intelectual que o trabalho de orientação permite.

Flávio foi muito além. Dedicou anos de sua vida em defesa das universidades públicas brasileiras, tão ameaçadas por sistema empresarial de ensino, cujos objetivos são a exploração e o lucro. Esteve no processo de formação da ADUSP e do ANDES, organizações que puderam contar com seu empenho, em longos anos de dedicação. Naquela oportunidade foi membro de conselhos, negociou verbas para os serviços públicos em nível estadual e nacional, integrou as lutas pela educação em fóruns internacionais e, deste modo, manteve-se atuante de modo crítico nos vários momentos em que as articulações imperialistas agiram com maior violência contra o país.

Na USP, esteve presente nas resistências durante o período militar de modo ativo e intransigente, juntamente a muitos de seus colegas e professores. Trabalhou pela democratização e apresentou, como resultados de inúmeros debates e congressos, proposta de reforma do estatuto que poderia superar o autoritarismo imposto à instituição pelo regime militar. Perdeu. Perdemos todos e a Universidade encaminhou-se para uma via tecnocrática hoje praticamente dominante.

Fez sua carreira acadêmica em nossa escola e pós-doutorado em Montreal, no Canadá. Na FFLCH, participou e participa em esferas de discussões e de decisões, tais como conselhos, comissões, congregações. Escreveu artigos, organizou livros, elaborou resenhas, escreveu poesias e romance. Em 1984, ganhou o Prêmio Jabuti

na categoria Ensaio Literário, com *A Comédia Nacional* e o Teatro de José de Alencar; em 2000, ganhou o mesmo prêmio na categoria Romance com *Anita*. Trabalhou na TV USP e nos iniciou no sistema Web.

Filhas, mulheres, netas, colegas, amigas são muitas as mulheres na vida deste gaúcho nada machista, que rememora sempre momentos muito especiais desta trajetória intensa. Desde o pedido para abotoar a camisa em uma assembléia na FFLCH, até as ausências nos *chopinhos* para cuidar da neta que lhe diz: Vovô! Você é lindo!!!

É fundamental rememorar o Flávio lutando para compor equipes de teatro nos CEUs criados na gestão Marta Suplicy. A alegria de poder colaborar com essa atividade tão importante no desenvolvimento cultural das crianças, o empenho em combinar expressões locais e ampliar o repertório dos jovens e, especialmente, a certeza de poder estender todo o acúmulo de experiências na área teatral aos muitos sujeitos da periferia da cidade eram visíveis no olhar deste colega. E a tristeza pelo encerramento do projeto num prazo tão curto, provocou dores profundas neste homem, quase sempre alegre e otimista.

Também merece destaque o frescor do seu pensamento e a juventude que o acompanha. Vê-lo como repórter, cinegrafista, articulista e editor na cobertura dos Fóruns Sociais Mundiais foi muito bom. De novo, um menino descobrindo novos mundos, ampliando as fronteiras, refazendo territorialidades simbólicas.

Flávio afasta-se neste momento do nosso cotidiano. Segue o caminho que se tornou mais profundo em sua vida profissional. Ganha Carta Maior, perdemos nós! Entretanto, antes de encerrar essa breve saudação quero dizer a ti meu amigo, emprestando palavras de Mia Couto no *Ultimo vôo do Flamingo*, pela boca de Ana Deusqueira:

Aprenda isso meu amigo. Sabe por que gostei de si? Foi quando lhe vi atravessar a estrada, o modo como andava. Um homem se pode medir pelo jeito como anda. Você caminhava limiudinho, faz conta um menino que sempre se dirige para a lição. Foi isso que apreciei. O senhor é um homem bom!

Eu vi desde desde. ... Lá de onde o senhor vem também há os bons. Isto me basta para eu ter esperança. Unzinho que seja me basta. Ao vê-lo, logo no primeiro dia eu disse para mim: este vai salvar-se. Porque aqui você precisa calar sua sabedoria para sobreviver. Conhece a diferença entre o sábio branco e o sábio preto? A sabedoria do branco mede-se pela pressa com que responde. Entre nós, o mais sábio é aquele que mais demora a responder. Alguns são tão sábios que nunca respondem.



CARTA DO PROFESSOR FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

Ao Ilmo. Sr. Prof. Dr. Gabriel Cohn
Diretor da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

Aos 28 de setembro de 2006

Meu querido amigo e, por teu intermédio, minhas queridas amigas e meus queridos amigos.

Escolhi dirigir-te esta carta, escrita com antecedência, por duas razões. A primeira foi a tentativa de garantir, pela leitura, que a emoção não me embargue a voz. A segunda foi a de proporcionar, regimentalmente, que as minhas palavras sejam registradas na ata da sessão regular da Congregação que se seguirá a esta homenagem que tua generosidade e a dos demais tornaram possível.

Este é o momento culminante de minha vida de professor e de minha carreira na Universidade de São Paulo. Nada se iguala a este reconhecimento por parte de meus pares, e aqui eu incluo os estudantes e os funcionários, ao lado de meus colegas docentes.

Além de uma homenagem pessoal, que me comove, vejo aí também uma saudação aos valores democráticos que acabaram sendo os de minha geração e que aprendi a cultivar e ampliar conceitualmente e na prática no convívio, nestes 37 anos, com meus e minhas colegas aqui nesta Faculdade que se fez a minha Casa, contando o tempo de estudante, e há 32 nesta Congregação que foi nosso gabinete comum de trabalho e dedicação.

Não tomo geração no sentido genérico de vivência num período histórico expresso numericamente.

Éramos jovens estudantes e/ou jovens professores em 1964 e 1968, muitas vezes ambas as coisas. Vimos o futuro ser roubado a todo um povo pela ditadura mais infame que se abateu sobre a vida brasileira, porque acalentada e acolhida por muitos que se diziam e ainda hoje se dizem liberais. Muitos de nós pagaram com a vida a

ousadia de se rebelarem contra ela. Outros com o exílio, ou com a perda de meios de subsistência e direitos. Todos pagamos com a perda, durante pouco mais de duas décadas, de muito de nossa alegria de viver, cicatriz que até hoje empana nossos melhores sorrisos e nossas mais sonoras gargalhadas.

Mas muitos sobrevivemos, e continuamos fiéis aos princípios que animaram nossas aspirações e nossas lutas. Já maduros, assistimos a derrocada da ditadura, o restabelecimento da democracia, ainda que com as limitações emanadas pela injustiça estrutural da nossa sociedade, uma das mais iníquas do mundo.

Agora, ao adentrarmos o terceiro milênio da era cristã, compartilhamos as perplexidades com as gerações mais antigas e as mais novas. O mundo mudou, não como queríamos, nem sempre para melhor. Mas podemos dizer que para nós e pelo menos para o consenso geral, a liberdade tornou-se um valor necessário, e as desigualdades extremas, embora continuem existindo, tornaram-se insuportáveis para uma consciência que se queira informada, ilustrada, coerente e consistente do ponto de vista ético, para além da hipocrisia auto-complacente: quando éramos muito jovens, não era assim. Lembrome do tempo em que a pobreza e a miséria eram ditas “da vontade de Deus”, enquanto a liberdade era vista como um excesso no caso de povos pobres. É verdade que hoje o Deus mercado justifica para muitos as injustiças e a compressão de direitos basilares da civilização para esmagadoras e esmagadas maiorias em muitos países, inclusive nos centrais do capitalismo. Mas os que nos erguemos contra essas injustiças não somos mais uma minoria derrotada, como ficamos nos momentos mais sinistros da ditadura passada.

Ao longo de minha passagem por esta Congregação nestes anos todos, a partir de 1974, aprendi com meus colegas a fazer da democracia um valor permanente. Não uso a expressão “universal” porque ela ficou reservada para o elogio de uma das formas da democracia, a liberal e de inspiração burguesa que, sem dúvida faz parte da experiência democrática, mas que não é a única. Digo “permanente” porque para muitos de nós a democracia era vista como uma passagem, de uso tático contra os opressores daquele momento, mas assim que nos livrássemos deles poderíamos suspender, ainda que momentaneamente, as liberdades democráticas, porque nossos valores seriam universais.

Nossa Congregação, nossa Faculdade, estão longe de serem plenamente democráticas. Podemos e devemos procurar aperfeiçoá-las. Sabemos, por exemplo, que

aqui a representação de funcionários e estudantes está subdimensionada, podendo haver discordâncias quanto ao número adequado, o mesmo acontecendo em relação às categorias docentes. Mas ao longo desses trinta e tantos anos de história pude ver esta Congregação construir, em que pesem as limitações, e pelo esforço comum, a sua legitimidade, justamente aquilo que fora roubado de toda a nossa vida legal pela imposição da ditadura de 1964 e por uma reforma universitária feita nos marcos do autoritarismo que, se modernizou instituições, recusou-se a instituir ou simplesmente cerceou a representatividade em seu interior.

Hoje, podemos dizer com tranquilidade que a nossa Congregação se legitimou, na prática, como o órgão soberano de nossa Faculdade, e que assim deve continuar sendo, para que não destruamos o sentido de nossa própria história. E o que possibilitou essa conquista, que é de toda a Faculdade, foi a qualidade dos debates aqui dentro, que foram se ampliando, se fizeram significativos quanto àquilo que é a matéria mesmo de nossa Faculdade e da Universidade, que é a formulação de um pensamento crítico, rigoroso e ao mesmo tempo generoso quanto à democratização do saber.

A ideologia da sacralização do Mercado como panaceia universal veio acompanhada, nas últimas décadas, por um olhar que vê nas instituições universitárias meras prestadoras de serviço. Isto as induziu à busca desenfreada dos superávits de produtividade, e do crescimento do seu Produto Interno Bruto, sem discussão dos aspectos qualitativos desse crescimento. Essa tendência arrisca fazer nosso Produto cada vez mais Interno, voltado apenas para as estatísticas competitivas, e cada vez mais Bruto, apesar da aparente sofisticação.

Felizmente tais tendências não encontraram acolhida fácil em nossa Faculdade e ela, certamente ao lado de outras instituições, como a nossa valorosa Adusp, continuou sendo um foco de pensamento voltado para outra universidade possível. A presença do debate de alternativas (que hoje deveria ser intensificado) em nossa Congregação deu a ele indispensável foro institucional, contribuindo de modo decisivo para que nossa Faculdade não renegasse sua tradição ilustrada e de pensamento radical (como diz Millor Fernandes, "livre pensar é só pensar"). Essa tradição, que é sua razão histórica de ser, abre-a para as constatações totalizantes (e não totalitárias) desse pensamento e para o medir-se com as vicissitudes históricas que a emolduram, nem sempre favoráveis, mas sempre instigantes

para novas vivências e investigações.

Isto não quer dizer que devamos cair na armadilha da auto-contemplação e da fixação num passado que deve ser visto sim, com reverência e respeito, mas sem impedir que nos aprestemos para os novos desafios do futuro.

É significativo que as Secretarias de Direitos Humanos, a Federal e a Estadual, num belo movimento suprapartidário em tempo de eleição, tenham comparecido ao prédio da Maria Antônia para a cerimônia que inaugurou oficialmente a coleta de material visando a constituição de um banco de dados genéticos de familiares de desaparecidos políticos. Este mesmo fato deve nos impulsionar para aceitarmos os desafios do presente e do futuro, que são os de intensificar nos espaços das universidades públicas a atualização dos valores que nos animaram buscando melhores políticas de extensão, intensificar a indissociabilidade entre ela, o ensino e a pesquisa, e a participação mais ousada na discussão de políticas públicas em relação à produção, apropriação e disseminação do conhecimento e do saber.

Vivi vários momentos memoráveis nesta Congregação. Na construção da sua legitimidade, houve um marco zero de iniciação. Rememorando-o quero homenagear todos os outros. Refiro-me ao momento, no hoje longínquo ano de 1975, em que se espalhou por esta universidade a notícia da morte de nosso colega Vladimir Herzog, professor da ECA. No dia seguinte ao de sua morte estávamos reunidos aqui mesmo nesta sala, com a presidência do prof. Eurípedes Simões de Paula. Vínhamos de recentes acontecimentos traumáticos: tentativas de expulsão de professores, mas felizmente com as primeiras reações por parte de colegas da Casa, e a literal deposição de nosso diretor, prof. Eduardo de Oliveira França, pelo Secretário de Segurança Pública do Estado, Erasmo Dias, porque, entre outras razões, ele permitira a presença do prof. cassado Ângelo Ricci numa banca. O prof. Ricci de quem, aliás, tive a honra de ser aluno no Rio Grande do Sul, fora aposentado compulsoriamente por recusar a colaboração com a ditadura enquanto era diretor da Faculdade de Filosofia da UFRGS.

Em meio à Congregação, uma multidão de alunos e professores invadiu a sala, exigindo que nos pronunciássemos sobre o assassinato do professor Herzog. À frente vinha a profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz. Seguiu-se um diálogo veemente entre ela e o prof. Eurípedes, que dizia não querer colocar em risco a sobrevivência da Congregação e da Faculdade. Ao final,

concertou-se que haveria pronunciamentos de quem quisesse se manifestar sobre o caso, e que o teor de tais manifestações seria levado ao Conselho Universitário, o que de fato acabou acontecendo. Foi com estas pequenas frestas de liberdade, num momento de arbitrio e repressão, que o espírito da busca da legitimidade enraizou-se e floresceu nesta Congregação, para dela, espero, nunca mais sair.

Antes de encerrar quero eu mesmo fazer algumas homenagens. Considero-me afortunado, pois tive mestres e colegas extraordinários. Não poderei mencionar todos. Cada nome que eu disser, representa toda uma coleção de nomes cuja contribuição para minha vida foi extraordinária. Assinalo aqui a presença da Iole, que me acompanhou durante tantos anos neste tempo de USP.

Também meu irmão Rogério aqui está, vindo especialmente de Porto Alegre para esta solenidade. Agradeço as palavras generosas dos membros da mesa, professores e meus amigos Sedi Hirano (que está aqui em seu nome e em nome da sra. Reitora, Profa. Suely Vilela), Gabriel Cohn, Sandra Nitri, Zilda Yokoi, à Marlene Petros Angelides, que representa os funcionários, ao José Clóvis, Secretário Acadêmico e por intermédio deles agradeço a generosidade de todos os membros da Congregação que me propiciou este belo momento em minha vida.

Agradeço ainda a presença do meu querido amigo Prof. Boris Schnaiderman, nele saudando a todos os presentes. Como amigo e mestre para mim em conjugar vida acadêmica e militância política, lembro o professor Antonio Candido.

Menciono também a profa. Walnice Nogueira Galvão, minha orientadora ontem, hoje e sempre. Dentro os que foram meus mestres e depois tornaram-se meus amigos, lembro o prof. João Alexandre Barbosa, recentemente falecido. Faço também menção a meus colegas de Literatura Brasileira, entre eles José Aderaldo Castello, Alfredo Bosi, o pessoal do Beco do Theatro, herança que temos do querido Prof. Décio de Almeida Prado. Lembro o pessoal do Centro Ángel Rama, em cuja secretária Marlene Petros Angelides homenageio todos os funcionários desta Casa.

Quanto aos que foram meus colegas de formação e depois de docência, homenageio todas e todos lembrando aquele que, para mim, foi e permanece o exemplo que eu procuro seguir, o querido prof. João Luís Machado Lafetá.

Dentre os mestres que tive antes de vir para a universidade, como estudante, quero lembrar dois em nome de todos.

O primeiro é o Padre Valter Seidl, meu professor no Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Tivemos a honra de sermos expulsos ambos, eu como aluno e ele como professor, pelo nosso esquerdismo contestador, ao fim do ano de 1963. O Padre Valter veio para o ABC, sediando-se na paróquia do Carmo. Por isso, tornou-se o capelão do Sindicato dos Metalúrgicos então de São Bernardo, hoje do ABC, podendo acompanhar acontecimentos extraordinários que mudaram a história do Brasil, e deles participar, trazendo-lhes inclusive a bênção do Cristo libertário que era o seu.

A segunda é a professora Gladys Colburn, da Burlington High School em Vermont, nos Estados Unidos, cujas aulas de literatura inglesa, em 1964 e 1965 me convenceram que meu destino era o das Letras, e não o da Medicina, como eu pensava. Acho inclusive que nós deveríamos aprovar uma moção de louvor a ela, pela quantidade de vidas que salvou ao impedir que eu me tornasse médico.

Por último, registro que recebi de meus colegas mais próximos a carinhosa reprimenda de que me aposento sem ter feito sequer a livre-docência. Aceito-a, mas se não peço concordância, demandando solidariedade. Apenas para registro menciono que no momento adequado para a livre-docência, escrevi um romance, com 5 anos de pesquisa e 2 de escritura. Aquele gesto renunciava já o gesto presente, que me traz aqui, de construção de projetos, sempre em torno da palavra, que, se permanecem inspirados nos valores desta Casa, nela já não se contém.

Um dos livros fundamentais de minha formação foi Narciso e Goldmund, de Hermann Hesse. A história se passa na Idade Média. Narciso e Goldmund vivem num convento, onde o primeiro é o mestre e o segundo o discípulo. Entre eles desenvolve-se uma amizade imorredoura. Mas são muito diferentes. Narciso, que é filósofo, permanece no convento; Goldmund, que é escultor, aventura-se pelo espaço e pelo tempo, testemunhando o fim de um universo de valores que antes eram julgados eternos, e o nascimento de outro, cujos contornos são indefinidos. Traz para o mestre notícias desses fatos extraordinários, tanto em suas narrativas como nas cicatrizes de amor e ódio que povoam seu corpo, ao fim de cada viagem.

Não estou ironizando nem criticando meus colegas. Narciso não é narcisista. Pelo contrário, quem busca se reconhecer na imagem que os outros (sobretudo as outras...) lhe devolvem é Goldmund. Narciso é apaixonado pela clareza do pensamento, em que vê um espelho onde se en-

contram as aspirações da criatura e os desígnios implantados pelo Criador na sua Criação rebelde. Narciso aspira portanto à percepção do ser e da totalidade. Goldmund se entrega de todo à precariedade da história, mergulhando na vertigem sôfrega das passagens pelo tempo.

Meu querido amigo Gabriel, minhas amigas, meus amigos. A chegada à maturidade impõe prudência, mas inclusive a prudência de não nos furtarmos às ousadias necessárias, como a tua de merecidamente se tornar o

diretor de nossa Casa. Essa maturidade impõe a busca da lucidez para reconhecermos qual a natureza das pulsões que movem nossos caminhos e definem nossos valores e trajetórias. E hoje, com serenidade, reconheço que minha admiração fica com Narciso, mas meu destino é o de Goldmund.

Muito obrigado.

PROF. FLÁVIO WOLF DE AGUIAR



ENTREVISTA

FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Aline Vicente Miguel: Primeiramente, gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre os pontos mais marcantes de sua carreira.

Flávio Wolf de Aguiar: O primeiro ponto marcante da minha carreira universitária se deu ainda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Logo quando entrei no curso de Letras, na Faculdade de Filosofia, em 1966, fui convidado para integrar um grupo de Teoria Literária. Realizamos uma grande atualização da bibliografia do romance no Brasil. Traduzimos vários livros importantíssimos. Eu, por exemplo, traduzi *O tempo e o Romance*, de um professor da Universidade de Jerusalém chamado Adam Abraham Mendilow, que é um clássico da teoria literária com respeito ao discurso sobre o tempo.

Já como estudante de pós-graduação da USP, participei de um outro grupo, juntamente com a Lígia Chiapinni e com o José Miguel Wisnik. Participamos intensamente, além da luta contra a ditadura, de um longo debate sobre o destino da FFLCH. Porque a Faculdade de Filosofia que conhecemos hoje é um fragmento do que era: abrangia física, matemática, química e assim por diante. Com a reforma em 1970, a Faculdade foi reduzida a essa área de algumas humanidades. Foi aí que ela virou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Antigamente, era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. E então colocou-se, de várias maneiras, um debate muito intenso sobre o destino dessa Faculdade, se ela deveria ser desmembrada ou não. E era um debate recorrente. Houve um grupo forte que queria criar um instituto de Letras. E nós sempre nos opusemos a isso. A nossa geração sentia essa vocação da Faculdade para uma visão mais integrada do conhecimento, ao invés da visão mais separada ou funcional, que foi a visão da reforma de 1970. Esses debates foram muito importantes, porque se agitavam em torno da concepção, da produção, do estilo e da formatação do conhecimento. Por isso, acho até que o debate foi mais importante do que as respostas.

Um outro aspecto muito importante, em que também estavam presentes esse grupo e essas idéias de uma forma mais ampla, foi a criação da Associação dos Docentes da USP (Adusp). Ela não surgiu apenas como uma associação de caráter corporativo. Sua criação oficial se deu no início

de 1976, mas ela começou a ser organizada no final de 1975, logo após a morte do professor e jornalista Vladimir Herzog. Eu fui um dos fundadores, participei desde o começo da Adusp. O grupo do qual eu fazia parte ganhou a eleição para a diretoria em 1987, aí eu fui vice-presidente. Entre 1989 e 1991 fui eleito presidente da Associação.

Como presidente, eu contribuí para deixar duas marcas muito grandes. A primeira foi transformá-la em uma seção sindical do Sindicato Nacional dos Docentes (ANDES). Ela pôde manter a sua autonomia, mas ganhou o corpo de representação sindical. A segunda foi a assinatura de um acordo entre as três reitorias (USP, Unicamp e Unesp) e o chamado Fórum das Seis (composto pelas associações de docentes e de funcionários das três universidades), que definia uma data-base e um fórum para as reivindicações salariais e para as discussões sobre as condições de trabalho. O fórum se constituiu numa reunião entre o Cruesp (Conselho dos Reitores da Universidades Estaduais Paulistas) e o Fórum das Seis. Havia uma pressão para que cada universidade fizesse suas discussões salariais isoladamente, o que enfraqueceria o movimento. Devo dizer que o reitor da USP então, o prof. Lobo, e o secretário do Cruesp, prof. Sedi, compreenderam a situação e ajudaram na decisão. Mais uma vez, prevaleceu a integração.

Também participei da criação do Centro Angel Rama, um centro interdepartamental da FFLCH voltado não apenas para a América Latina, mas também para conceber o Brasil como parte da América Latina. Isso foi em 1985, sob a inspiração do pensamento do professor Antonio Candido e do professor Angel Rama, que já morreu infelizmente. Ele ministrou um curso aqui na USP e sempre teve um ideal de buscar uma integração da América Latina.

Entre os anos de 1998 e 2000, atuei como apresentador do programa *Olhar da USP*, da TV USP, um noticiário comentado. Durante esse período, fiz entrevistas notáveis, com pessoas que possuem verdadeiras histórias de vida para contar. Entre elas, uma com o professor Antonio Candido e outra com o professor Aziz Ab'Saber. Outro ponto alto da minha carreira na TV USP foi entrevistar o professor Boris Schnaiderman e o empresário Roberto de Melo e Souza (irmão de Antonio Candido). Ambos fizeram parte da FEB (Força Expedicionária Brasi-

leira) e lutaram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial: Boris na artilharia e Roberto no esquadrão caça minas. Isso foi uma experiência muito rica que me catapultou para a Agência Carta Maior, em 2002. O professor Bernardo Kucinsky, que já colaborava com a Carta Maior, me apresentou para o Joaquim Ernesto Palhares, dono da Agência. Eles me chamaram para fazer televisão, pois tinham a idéia de fazer um programa noticioso, que acabou não dando certo. Mas eu continuei lá. Logo em seguida, em 2003, eu fui para o Fórum Social Mundial para fazer entrevistas e aí eu introduzi uma coisa nova na Carta Maior: resolvemos fazer um documentário sobre o Fórum. Isso se instituiu, virou um sucesso, e passamos a fazer documentários sobre todos os fóruns desde então. A partir de 2004, quando voltamos da Índia, começamos a realizar transmissões ao vivo pela web. Assim que a minha aposentadoria sair no diário oficial, eu vou assumir o cargo de editor-chefe da Carta Maior.

AVM: O senhor pretende continuar colaborando com a pós-graduação e participando de outras atividades ligadas à USP e à FFLCH?

FWA: Sim, eu pretendo continuar ligado à pós-graduação, ministrando aulas e orientando trabalhos. Pretendo também continuar ligado ao Centro Angel Rama e a outras atividades, como a própria Comissão de Audiovisual. Existe um aspecto, que eu acho importante levantar, que eu penso que hoje, na USP, a pós-graduação depende muito da participação dos professores aposentados. Sem isso, a pós-graduação, não digo que pararia de funcionar, mas sofreria muito, por causa da experiência desses professores e por causa do número de docentes. Na medida em que os aposentados se liberam de outras tarefas, eles podem participar de maneira, não digo mais intensa do ponto de vista dos horários, mas do ponto de vista da própria dedicação à pós. Nesses termos, a pós-graduação “ganha” com a aposentadoria, ao contrário do que se pensa normalmente. Na verdade, poucos professores param completamente as atividades quando se aposentam. Mesmo aqueles que caem na aposentadoria compulsória, muitas vezes, continuam ligados à pós-graduação. Há essa possibilidade de adequar mais a dedicação ao seu trabalho às suas próprias condições de vida. É o meu caso, por exemplo. Eu cheguei num ponto em que fazia parte do meu projeto me dedicar mais à área de jornalismo e à criação literária.

AVM: Então foi por isso que o senhor resolveu se aposentar?

FWA: Sim. Naturalmente, eu não aceitaria criar uma situ-

ação em que, mesmo do ponto de vista legal, eu não estaria burlando o tempo integral (dedicação exclusiva à USP), mas do ponto de vista prático eu estaria. Então a aposentadoria permite que eu me libere para outras atividades, outros projetos, de maneira consistente. E que eu continue com um trabalho consistente na Universidade também. Acho que hoje em dia as solicitações (eu estou falando de oportunidades de trabalho) que são feitas aos professores de universitários são muitas e muito variadas.

AVM: Quais, por exemplo?

FWA: Participar de políticas públicas. Por exemplo, durante a gestão da Marta Suplicy, eu participei de um grupo de trabalho, junto à Secretaria de Cultura, na área de teatro. Era um projeto de formação de público, uma das atividades mais gratificantes que eu tive nos últimos tempos. Participei, também, de mais dois outros projetos: a publicação do teatro completa de Néelson Rodrigues e a publicação da obra completa de Érico Veríssimo.

Por ocasião do cinquentenário de Grande *Sertão: Verdades*, também elaborei, para a Editora Nova Fronteira, uma seleção de textos de Guimarães Rosa dedicada a alunos do Ensino Médio. As atividades editoriais no Brasil ligadas a área de humanidades aumentaram muito, felizmente. E é natural que professores mais experientes sejam convidados para trabalhar nessas áreas.

AVM: E foi difícil para o senhor tomar a decisão de se aposentar?

FWA: Eu acho que o processo de conscientização desse desejo foi um pouco lento: demorei mais ou menos um ano para me dar conta de que eu queria pedir a aposentadoria. Foi uma coisa voluntária, não me aconteceu nada que me forçasse a pedir a aposentadoria.

Foi um processo longo porque isso significa um rito de passagem na vida de uma pessoa como eu. Tenho 40 anos de dedicação à Universidade. São 33 anos como docente da USP, mas eu conto esse tempo desde quando eu entrei na UFRGS, em 1966, no curso de Letras. Eu já tinha a idéia de concluir a graduação, de fazer a pós e de ser professor universitário. Além disso, eu mal entrei na Universidade e já me tornei secretário de cultura do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia lá em Porto Alegre. Então eu conto isso como tempo de dedicação à Universidade.

A Universidade para mim foi uma causa, não foi só um emprego. Foi um emprego também, claro, mas ela foi uma causa pessoal, uma causa política e uma causa cultural, como para muitas pessoas da minha geração. Então, chegou o momento em que se resolve mudar de

posição, inevitavelmente fui levado a esses tipos de avaliações da vida, memórias, etc. É um momento muito rico para se fazer o balanço desse tempo todo, o balanço de uma vida.

AVM: O que pesou mais na hora de se decidir pelo jornalismo?

FWA: Eu quero construir um novo projeto em torno de uma participação política no campo do jornalismo. Não pretendo virar um político profissional, não é isso, mas eu quero ter uma participação mais intensa nesse processo de grandes transformações que ocorrem hoje. Penso que existem grandes mudanças na paisagem cultural e política do nosso povo que estão ocorrendo nessa abertura do século XXI. Então me deu a idéia de acompanhar esses processos de uma maneira, ao mesmo tempo, mais de perto e mais livre do que, pelo menos no meu caso, a Universidade permitia.

Por exemplo, a Carta Maior acompanha e faz a cobertura de todos os Fóruns Sociais Mundiais. Esses encontros tornaram-se uma espécie de antena parabólica, nos quais se percebem todas as mudanças que estão acontecendo, as novas propostas que vão surgindo, e aquelas que são superadas pelo tempo. Eu quero participar de tudo isso mais intensamente do que eu pude até agora. Não pude acompanhar a cobertura de vários fóruns porque eu tinha obrigações na Universidade. Eu não podia interromper o curso aqui e ir para Barcelona. De repente, eu senti mais vontade de me entregar mais para esse tipo de observação.

É o que eu escrevi naquela carta: entre aqueles dois personagens (Narciso e Goldmund), minha admiração fica com Narciso, mas o meu destino é o de Goldmund. Já o fato de eu vir para o estado de São Paulo, foi um pouco Goldmund, porque eu tive que tomar a decisão de deixar Porto Alegre, a minha cidade natal. Eu vim para cá na virada de 1968 para 1969, naquela época conturbada da instituição do AI-5.

Durante algum tempo, eu acalentei a idéia de voltar a trabalhar em Porto Alegre. Porém, no mesmo ano que eu vim, em 1969, o grupo de teoria literária ao qual eu estava ligado na UFRGS, liderado pelos professores Ângelo Ricci e Dionísio Toledo, foi dizimado pela ditadura. Todos os professores foram cassados. Então, de repente, eu me vi como um índio que tinha ido para a cidade e que, depois, descobre que a sua tribo não existia mais, tinha sido dizimada, dispersa. Então eu fiquei sem ter para onde voltar. Também fui desenvolvendo laços com a USP, aí me dei conta de que, realmente, era uma pas-

sagem sem volta.

AVM: O senhor fez algum curso de jornalismo?

FWA: Não, o curso de jornalismo que eu fiz foi na prática, fui um autodidata. Tive grandes mestres jornalistas, convivi com grandes jornalistas brasileiros e isso para mim foi muito gratificante.

Primeiramente, tive no campo cultural uma influência em Porto Alegre muito interessante: Calvero, o crítico de cinema com quem eu primeiro trabalhei. Ele dirigia a página de cinema de um jornal de Porto Alegre (*Folha da Tarde*). Calvero fazia um tipo de jornalismo e de crítica cinematográfica aberta, ao mesmo tempo rigorosa, mas democrática, e para mim sempre foi uma fonte de inspiração.

Depois, o outro mestre do jornalismo que eu tive foi o professor Décio Almeida Prado, que foi o diretor daquilo que nós considerávamos um dos melhores cadernos de literatura da época: o *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo*. Naquela época, eu nem conhecia o professor Décio, mas a leitura do *Suplemento Literário* me marcou muito desde sempre. Quando eu cheguei aqui em São Paulo, eu acabei entrando na USP por causa dele, que me convidou para dar aulas de Teatro e de Literatura Brasileira.

Durante o ano de 1974, tive a honra de ter trabalhado sob a direção do Samuel Wainer, um grande ícone do jornalismo brasileiro, quando ele tentou rearticular o *Última Hora* aqui em São Paulo. Já na imprensa alternativa, convivi com dois grandes jornalistas que me inspiraram muito. Um foi o Raimundo Rodrigues Pereira, que era diretor do *Movimento* e editor de cultura do jornal. Outro, o Bernardo Kuscinski, que é professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, com quem eu trabalhei no *Movimento*. O Raimundo era o editor-chefe do jornal e o Bernardo era um colaborador assíduo, membro do conselho de redação, assim como eu. Eu me considero muito afortunado porque não fiz faculdade de jornalismo, mas tive uma formação na prática com grandes mestres do jornalismo brasileiro.

AVM: O que significaram, para o senhor, esses mais de 30 anos dedicados à USP e à FFLCH? O que, de mais importante, o senhor aprendeu aqui? O que espera que os colegas e os alunos tomem como exemplo seu?

FWA: O que eu aprendi na Universidade de São Paulo, como professor, como aluno e como militante, foi a importância, para uma nação e para uma sociedade, das suas universidades. A universidade, em qualquer lugar que ela esteja e por mais precária que ela seja, é um

fator de civilização. Ou seja, ela faz parte do lado civilizado da civilização. Esta tem lados civilizados, mas também tem lados absolutamente predadores e predatórios do meio ambiente e da cultura. Uma universidade sempre é um campo de liberdade de pensamento, por mais precária que seja, por mais fechada que seja, como a USP foi durante os anos da ditadura militar. Sempre existe esse núcleo duro de pensamento dentro de uma universidade, que faz com que as pessoas tenham mais liberdade para pensar do que teriam, por exemplo, no mercado privado de trabalho.

Se há um exemplo meu que eu gostaria que os meus alunos, colegas, e professores mais jovens seguissem, é o mesmo exemplo que eu tive. Vou citar apenas um, mas foram muitos: o exemplo do professor Antonio Candido. Ele me ensinou a ter uma dedicação primorosa à elaboração do pensamento de natureza crítica e, ao mesmo tempo, uma dedicação generosa à militância pela universidade pública, por valores humanistas e libertários, e também pelos valores e convicções socialistas. Isso não significa, necessariamente, política partidária. Não é isso. São princípios e valores ligados ao socialismo, no sentido de que Antonio Candido mesmo, certa vez, me disse que todo liberal que se esquece dos princípios socialistas acaba se tornando um reacionário. E que todo socialista que se esquece dos princípios liberais, acaba se tornando autoritário. É o exemplo que eu procurei seguir. Portanto, eu espero, é o exemplo que eu quero deixar também.

AVM: O senhor possui uma vasta experiência na área acadêmica e institucional da Universidade. Lecionou na graduação durante mais de 30 anos, foi presidente da Associação dos Docentes da USP (Adusp), diretor do Centro Angel Rama. Na sua opinião, quais os maiores desafios que devem ser enfrentados pela USP e pela FFLCH daqui para frente? Quais mudanças o senhor espera que ocorram?

FWA: Eu tenho comparecido a muitos debates sobre esse assunto, sobre educação, universidades e faculdades. E para causar um certo impacto na platéia eu tenho começado dizendo assim: "Não venho trazer boas notícias". Por que isso? Porque eu penso que nas sociedades emergentes acabou triunfando a concepção de que o ensino superior é, basicamente, um ensino de prestação de serviços e que pode servir para corrigir, apenas em parte, as profundas desigualdades sociais dessas sociedades. O ensino superior é visto como o alto de uma pirâmide e não como o centro do pensamento. Ele deveria ser o centro de um sistema educacional am-

plado, mas é visto, na verdade, como o topo de uma pirâmide, tanto por forças da direita quanto por forças da esquerda. Isso tem feito declinar a sua vocação para construir um pensamento radical e para participar da discussão de políticas públicas e projetos nacionais ou internacionais de longo alcance. Hoje, isso é pensado em outros lugares. A participação das universidades e da FFLCH nesse processo deveria ser muito maior do que é. Isso envolve, inclusive, políticas de extensão, que são inseparáveis do ensino e da pesquisa.

Por exemplo, esse projeto de teatro do qual eu participei na Secretaria de Cultura de São Paulo durante a gestão da Marta. Para mim, ele não deveria ter ficado apenas na Secretaria de Cultura. Muda-se a gestão, mudam-se as vontades, mudam-se os projetos. Se houvesse um convênio com uma universidade, isso não aconteceria. Também acho que a FFLCH deveria se comprometer mais com a formação continuada dos professores da rede pública. Caberia à Faculdade e à universidade uma maior participação nas discussões das grandes linhas do sistema educacional brasileiro. Ela nasceu com a vocação de formar professores. Estes, na grande maioria, são formados nas escolas particulares por aí, e têm má formação. E nós, muitas vezes, passamos um longo tempo mais preocupados em formar professores para essas outras faculdades. Agora pelo que eu percebi, o corpo de alunos da graduação que planeja se dedicar ao Ensino Médio está aumentando. No entanto, muitas vezes, as políticas das grandes universidades dos grandes centros urbanos brasileiros se distanciaram dessa preocupação com o sistema educacional como um todo.

Acho que o caráter social da nossa Faculdade precisa ser reforçado, pois ele foi bastante fragilizado na universidade como um todo. Na condição de professor aposentado que não pretende sumir da Faculdade, quem sabe eu não possa dar uma contribuição mais intensa também nesse campo?

AVM: Durante o evento da Congregação em sua homenagem, alguns participantes mencionaram a sua dedicação a sua família. Para o senhor, como é a conciliação de seus projetos e atividades com a vida familiar?

FWA: Eu fui um dos primeiros homens militantes feministas, não só nos aspectos políticos, mas também nos aspectos da vida privada. Sempre me envolvi muito na criação das minhas filhas e agora também na criação das minhas netas.

Eu sou da geração de 1968, época em que eu era um estudante universitário. Essa geração viveu um momen-

to muito peculiar da vida brasileira e mundial: procuramos unir a ética da responsabilidade pública com a ética dos princípios individuais e do espaço privado. Tínhamos a exata noção de que eram duas esferas separadas, mas, quando não há essa união, acontecem desastres como os que estão ocorrendo hoje.

Considerávamos insuportável alguém defender a igualdade das mulheres no plano da retórica pública e, na vida privada, continuar deixando todas as tarefas domésticas para elas. Conseguimos, em boa parte, acabar com alguns preconceitos, mas não vencemos todos. Tentamos acabar com essa dicotomia, que era muito comum no campo da esquerda. Os homens comportavam-se de determinada maneira fora de casa e dentro dela eram machistas e autoritários.

Posso dizer que compartilhamos com a geração romântica a característica de que não tivemos o mundo dos

nossos pais como modelo para o nosso. É claro que ninguém deixou de ser quem era, e nem abandonou a história e a família que tinha. No entanto, nós procuramos construir modelos próprios, às vezes com sucesso, às vezes com exagero, às vezes sem sucesso. Essa nova simbologia impunha um compartilhamento das vicissitudes, das exigências e das alegrias da vida doméstica. Eu, inclusive, vou escrever um livro que vai se chamar *Um homem na cozinha*. E vou começar dizendo: "Este não é um livro de receitas, pelo contrário. É um livro épico, que narra uma aventura épica da conquista de um território que me era vedado". Porque não era só o homem que delegava as tarefas para as mulheres. Elas também não aceitavam que fizéssemos as coisas. E eu tive que conquistar esse espaço, foi uma guerra, uma guerra interior, mas exterior também, no sentido de conquistar o território e de quebrar esse estereótipo.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

DIRETORIA

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Prof. Gabriel Cohn

Reconstruir a unidade e a identidade de uma escola que é imensamente importante não apenas para a USP, mas em escala nacional. Esse é o grande desafio a ser enfrentado pelo professor Gabriel Cohn à frente da

diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Diretor da FFLCH desde março desse ano, Gabriel Cohn afirma que as suas atividades cotidianas na direção caminham de maneira satisfatória, o que nem sempre ocorre em relação às grandes políticas da escola. "O dia-a-dia vai bem, pois tenho todo tipo de apoio. No entanto, quando temos que pensar a escola, a universidade e o ensino superior a longo prazo, pisamos em um terreno pouco firme", explica.

O espaço para a discussão das grandes políticas de pesquisa, ensino, formação e extensão é a Congregação, um órgão colegiado deliberativo composto por representantes de cada categoria docente e por representantes dos funcionários e alunos. É ela que orienta a atuação do diretor.

"Como diretor, tenho uma posição ativa para fazer propostas, mas não posso atuar simplesmente da maneira que eu achar mais conveniente, dando ordens de cima para baixo. Estou subordinado à Congregação e ao CTA", afirma.

A Congregação também é o espaço para a discussão e a tomada de posição em relação a temas importantes da atualidade que possam afetar a Faculdade, a universidade ou o sistema educacional como um todo. Esse órgão pode elaborar, por exemplo, um documento manifestando-se a favor ou contra certas medidas tomadas pelo Ministério da Educação. Desse modo, ela tem autoridade para representar a opinião da FFLCH em relação a determinado assunto.

No entanto, o diretor lamenta o fato de que a Congregação tenha se tornado uma instância de recursos. "Tudo o que não deu certo em algum lugar vai para a Congregação para ser deliberado. Isso inclui desde um candidato que se sentiu prejudicado em um concurso até um estudante que não teve a sua inscrição aceita para o ingresso na pós-graduação", explica. "Isso é um problema sério, pois ao invés de debatermos sobre as grandes questões, passamos a maior parte do tempo decidindo problemas menores, sobre os quais nem todos estão informados", lamenta.

Gabriel também cita um problema clássico em relação à representação estudantil nesse colegiado. Segundo ele, como os estudantes são uma fração flutuante da Universidade, as orientações e opiniões são muito variadas. “É complicado formular e manter políticas de longo prazo. Em determinado ano, há uma representação discente que defende arduamente uma posição e, em outro, surge outra representação com reivindicações totalmente diferentes da anterior”. Ao mesmo tempo que o diretor reconhece que essa diversidade é importante para alimentar o debate contínuo, ele lamenta o fato de que ela pode, muitas vezes, dificultar o consenso, as decisões e a implantação das propostas.

Quanto aos seus principais projetos de gestão, Cohn afirma que um deles é a reforma do prédio da Administração. “Eu diria que essa reforma não é bem uma prioridade, e sim uma necessidade”. Segundo ele, o projeto já foi aprovado pela COESF (Coordenadoria de Espaço Físico da USP) e deverá ser iniciado no próximo ano. Também está programada uma reforma no prédio de Geografia e História, o que inclui solucionar os problemas de infiltração no teto, a instalação de elevadores e a construção de uma via de ligação entre esse prédio e a Biblioteca Central, passando pelo prédio de Filosofia e Ciências Sociais. “Isso é muito importante, pois vai permitir um fluxo maior entre os diversos prédios e vai dar alento a minha prioridade fundamental: a integração entre professores, funcionários e alunos”, explica.

O diretor afirma que sente-se extremamente preocupado com a inexistência de espaços compartilhados para a convivência na FFLCH. Assim, sua intenção é construir um tipo de um restaurante / café no porão do prédio de Filosofia e Ciências Sociais, de modo que ele se constitua num centro de vivência. “Estou convencido de que um estudante pode mudar o rumo de sua trajetória intelectual por conta de um encontro fortuito que tenha com um docente de outra área. Se pensarmos que aqui temos desde cartografia até sânscrito, veremos a riqueza da nossa escola”, afirma.

Para o professor, a sociedade atual como um todo, incluindo-se a Universidade, sofre uma deterioração das relações humanas. “Nossa sociedade não funciona sem atritos. Há uma má fé estrutural, que causa formas rancorosas e ressentidas de ação humana, culminado numa espécie de auto-defesa perversa e na desconfiança em relação ao outro. Para ele, a solução para esse problema seria a intensificação da interação social e o desbloqueio dos fluxos de contato. “Devemos fazer com que as pessoas tenham condições de checar seus preconceitos em contato direto com o outro, fazer com que

elas se vejam e se falem”, diz.

No entanto, ele vem enfrentando alguns problemas com os estudantes para a concretização dessa proposta. Isso porque a área em que seria construído o centro de convivência é utilizada pelos alunos para discussões, debates e atividades culturais e festivas. “Minha proposta choca-se diretamente com essa tradição de que cada um deve ter seu próprio espaço. Acho que deveria haver um maior compartilhamento”, defende.

Esse objetivo de integração também se reflete nas propostas acadêmicas do diretor. Ele pretende estimular as discussões sobre as atividades de ensino e de pesquisas, a fim de articular mais fortemente as diversas áreas do conhecimento que a FFLCH abrange. Por isso, tem comparecido às reuniões de cada Conselho de Departamento da unidade, para verificar quais são os problemas e os pontos fortes de cada um. Uma proposta é fazer um mapeamento das áreas carentes e das áreas emergentes, a fim de dar mais consistência ao ensino e à pesquisa. Segundo o diretor, também já está em estudo a realização de um micro congresso na Faculdade, no primeiro semestre do ano que vem, para reunir todos os professores da unidade. “Temos um número imenso de professores novos. Precisamos integrá-los à Faculdade, fazer com que eles e os professores mais velhos se conheçam e troquem experiências”, explica.

Apesar de considerar o número de docentes e de funcionários insuficiente, Gabriel está satisfeito com a qualidade e o desempenho de ambos. “Muitas das nossas dificuldades ficam escondidas pelo fato de termos um pessoal técnico e administrativo muito dedicado, que cobre as lacunas. Isso é bom, porque faz a Faculdade andar, mas as insuficiências ficam meio ocultas”, explica.

Ele também acha que dada a alta qualidade do corpo docente, é possível produzir mais do que está se produzindo. “Temos uma certa capacidade ociosa. Dá para fazer muito mais em termos de docência e pesquisa”, afirma. O diretor defende que devem ser abertas novas áreas de estudos em função das necessidades da sociedade contemporânea e das transformações pelas quais o mundo vem passando. “Há uma tendência de nos fixarmos nas nossas especialidades, o que faz com que não percebamos as mudanças que estão ocorrendo lá fora. A Faculdade deve estar atenta para responder aos estímulos da sociedade”, explica. Segundo Cohn, isso contribuirá para reforçar a identidade da FFLCH e a percepção de sua própria importância. “Se eu contribuir para que essa escola se torne mais alegre e mais orgulhosa de si, ficarei feliz”, finaliza.

VICE-DIRETORIA

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Profa. Sandra Margarida Nitrini

Como vice-diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a professora Sandra Margarida Nitrini possui diversas atribuições. Uma delas é a presidência da Comissão de Qualidade de Vida do prédio da Administração. Como o próprio nome indica, essa Comissão tem como objetivo zelar pela qualidade

de vida não apenas dos funcionários, mas também de todos aqueles que freqüentam o local.

Um dos objetos de atenção e de empenho da Comissão é a realização de uma reforma no prédio da Administração. Essa, porém, não é uma proposta defendida apenas pela Comissão, mas também pela direção da Faculdade. "O professor Gabriel Cohn já comunicou que há uma série de reformas e construções que se fazem absolutamente necessárias. Já há, inclusive, um comprometimento da COESF – Coordenadoria de Espaço Físico da USP -, pois a reforma deste prédio é prioritária", explica a professora.

A vice-diretora também é presidente de outra Comissão: a de Publicações *on-line*, que está trabalhando para disponibilizar teses premiadas da FFLCH na Internet. Isso será feito respeitando-se o registro ISBN (*International Standard Book Number*), como se fosse uma publicação impressa. Por enquanto, os representantes da Comissão estão estudando e definindo um modelo de *layout* para as publicações, com o auxílio de Dorli Hiroko Yamaoka, funcionária do Serviço de Comunicação e responsável pelo projeto gráfico.

Além disso, a professora Sandra é responsável por acompanhar as atividades do Serviço de Comunicação, sobretudo no que diz respeito ao Boletim Informe, já que ela é presidente da Comissão Editorial do Informe. Assim a vice-diretora sugere pautas, matérias e entrevistas. Uma de suas propostas é a reformulação do *layout* do Boletim, a fim de torná-lo mais atrativo. "Há um custo grande na produção do Informe e ele é distribuído na unidade inteira, mas não sabemos até que ponto é lido efetivamente", afirma. Também foi no início de sua gestão na vice-diretoria, em 2004, que foi constituída a Comissão Editorial de Audiovisual. A professora Sandra, inclusive, foi quem sugeriu o nome do professor Flávio Wolf de Aguiar para a presidência dessa Comissão, responsável pela coordenação dos programas de Web Rádio e TV Digital da FFLCH.

No início do mandato do professor Gabriel Cohn como diretor, ela foi designada a responder, pela diretoria, aos assuntos referentes às relações internacionais da Faculdade. Isso porque a professora participou do processo

de constituição da Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH, ainda na gestão do professor Sedi Hirano.

Questionada sobre os problemas que dificultam o seu trabalho como vice-diretora, ela afirma que às vezes surgem alguns obstáculos, os quais não dependem de um empenho pessoal nem daqueles que estão na direção ou na vice-direção e nem dos demais docentes e funcionários. "A Faculdade é muito grande e são muitas as demandas. Todos os problemas e propostas devem ser discutidos em várias instâncias e as decisões regulamentadas. Tudo isso requer muito tempo, o que nos dá, muitas vezes, a sensação de que as coisas não andam", afirma. Ela ressalta que não se trata propriamente de uma dificuldade, mas de uma "incômoda demora" decorrente do próprio processo de encaminhamento de problemas e projetos numa instituição grande como a FFLCH. "Agora multiplique este tempo, quando dependemos de instâncias extra-muros da Faculdade. Um caso atual é o da construção do anexo didático do prédio de Letras, em torno do qual a FFLCH tem despendido esforços há pelo menos três anos, desde o início da gestão do professor Sedi Hirano", explica.

Ela encara todas as suas atividades como desafios: "Desafio é ver as coisas funcionarem bem naquilo que me é atribuído", diz. Hoje, porém, o maior deles é ver a Sala de Apoio Educativo em funcionamento. O projeto pretende atender 60 filhos de funcionários da Faculdade, entre 6 e 12 anos, no período em que não estão na escola. Essa proposta surgiu numa plenária de infra-estrutura, organizada pela Congregação da FFLCH após a greve de 2002. Em junho de 2003, a Congregação aprovou a criação de um Grupo de Trabalho, encarregado de estudar a instalação de uma creche na unidade. A professora Eni de Mesquita Samara, vice-diretora da época, foi designada como coordenadora do Grupo e os membros das Comissões de Qualidade de Vida de cada prédio como integrantes. A idéia inicial (a instalação de uma creche) foi substituída pela criação de uma Sala de Apoio, sendo que em maio de 2004, a professora Sandra assumiu a coordenação desse trabalho. O estatuto, a ata de fundação e o regimento da Sala de Apoio já estão aprovados. Também foi formada uma Associação de Pais para gerir a Sala. "Há o compromisso da Faculdade e da Congregação, de dar todo o suporte para a concretização desse projeto", afirma a vice-diretora.

A professora também ressalta que há outros desafios que ela compartilha com o diretor da FFLCH. O mais importante é a questão dos espaços da Faculdade, como por exemplo a situação dos prédios e das salas de aulas e as condições de convivência entre as pessoas que compõem a unidade. "Professores, funcionários e alunos devem dispor de um espaço que faça jus às nossas atividades e ao nosso convívio acadêmico", conclui.

SECRETARIA DA DIREÇÃO E DA VICE-DIREÇÃO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Para assessorar a direção e a vice-direção da Faculdade, há duas secretárias: Vânia Santos de Melo e Vilma Corrêa Arantes. Entre as suas principais atividades, estão o atendimento ao público (pessoalmente e por telefone ou *e-mail*) e a agenda do diretor e da vice-diretora. Elas também são responsáveis por arquivar toda a documentação que chega e que sai da Diretoria. Isso inclui, por exemplo, ofícios do gabinete da reitora e das pró-reitorias, comunicados de outras unidades e universidades, solicitações de professores da Faculdade, entre outros.

Ambas concordam que duas secretárias são suficientes para dar conta do trabalho. "Uma é pouco, pois a Faculdade é muito grande", afirma Vilma.

Nos anos anteriores, havia uma secretária só para o diretor e outra para a vice-diretora. No entanto, Vânia e Vilma não trabalham com essa divisão: elas possuem as mesmas responsabilidades. "O trabalho e os assuntos são os mesmos, pois se o diretor não está, a vice responde por ele. Então eu acho que nós duas devemos ter

uma sintonia muito grande para trabalharmos em conjunto", explica Vilma. Vânia, por sua vez, considera que esse método de trabalho faz com que o serviço renda mais. "Nós duas sabemos de tudo o que acontece. Se uma secretária está ausente, a outra tem condições de resolver os problemas", afirma.

Satisfeitas com o andamento do serviço, elas não encontram nenhum problema ou dificuldade para realizá-lo. No entanto, sugerem uma mudança que agilizaria o trabalho. Todos os ofícios que saem da diretoria são registrados em um livro. Elas consideram que seria mais adequado registrá-los em um banco de dados no computador.

Elas também ressaltam que além do trabalho rotineiro, cada dia acontecem coisas novas e diferentes, como solicitações urgentes e problemas inesperados. "Devemos resolver os problemas de imediato, pois as pessoas não podem esperar. Assim, todos os dias aprendemos coisas novas", finaliza Vânia.



Wilma



Vânia

COMISSÃO DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E ACESSORIA PARA CONVÊNIOS CULTURAIS E INTERCÂMBIOS

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O foco da Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH é viabilizar a implementação de convênios acadêmicos entre a Faculdade e universidades estrangeiras. Isso possibilita tanto o desenvolvimento de projetos de pesquisas em conjunto quanto o intercâmbio de estudantes.

Essa Comissão, cujo presidente é a professora Maria das Graças de Souza, foi instituída oficialmente em março desse ano e possui um representante docente de cada Departamento. Suas atividades são secretariadas por Rosângela Duarte Vicente. Há também o senhor Antonio Carlos Eigenheer, que desempenha a função de Assessor para Assuntos de Convênios Culturais e Inter-

câmbio desde 1997. Embora não esteja legalmente integrado à Comissão, ele colabora com as suas atividades. Anteriormente, o professor Pablo Rubem Mariconda era o presidente. Com a sua ida para a assessoria da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, a professora Maria das Graças assumiu o cargo.

Rosângela explica que uma de suas funções, assim como a de Antonio Carlos, é orientar os professores que desejam firmar um convênio. De acordo com o objetivo do mesmo, eles dão instruções sobre o modelo de minuta ideal. Posteriormente, ela será analisada pelo Grupo Assessor para Convênios da Reitoria e pela Consultoria

Jurídica (CJ) da USP. “Pela nossa experiência, já sabemos o que a nossa Consultoria pode ou não aprovar. Assim, orientamos os docentes para que essa proposta seja formulada da maneira mais correta possível, para



Rosângela

não atrasar a assinatura”, explica Rosângela.

Ela também atua na intermediação entre o professor coordenador do convênio e a instituição estrangeira na fase de negociações. Como as cláusulas das minutas de-

vem estar de acordo tanto com a legislação da USP quanto com a da universidade no exterior, deve-se chegar a um consenso antes da assinatura. “Às vezes, as instituições enviam algumas minutas diferentes dos modelos aprovados pela nossa Reitoria. Devo analisá-las com cuidado e adequá-las a nossa legislação, até que ambas instituições cheguem a um acordo”, afirma a secretária.

Chegado a um consenso, a proposta do convênio deve ser aprovada pelo Conselho Departamental da qual o professor responsável faz parte e pelo CTA (Conselho Técnico Administrativo). Depois, a CCInt da Universidade emite um parecer de mérito. Em seguida, a proposta é analisada pelo Grupo Assessor e deve ser adequada de acordo com as suas recomendações. Feito isso, o convênio é assinado. O professor Pablo ressalta que a Comissão pode fornecer um grande apoio ao docente coordenador do convênio nessa fase de negociações, já que possui uma abertura maior para tratar com a CJ. Hoje, há 23 convênios acadêmicos vigentes na Faculdade. Outros 12 estão em negociação e 11 estão colhendo assinaturas.

Quanto ao intercâmbio de estudantes, Rosângela e Antonio Carlos também são responsáveis por fazer a intermediação entre o aluno da FFLCH e a instituição estrangeira, enviando a documentação necessária. No entanto, há alguns pré-requisitos para o estudante que deseja estudar no exterior: ele deve conhecer bem a língua do país, estar cursando pelo menos o 2º ano de graduação e ter condições de se bancar lá fora, já que o convênio prevê apenas o ensino gratuito. No ano de 2005, foram enviados 16 alunos da Faculdade para o exterior. Em 2006, esse número chegou a 20, sendo 7 estudantes no primeiro semestre e outros 13 no segundo.

A secretária e o assessor também recebem os alunos estrangeiros, orientando-os sobre moradia, matrículas e disciplinas. Nos anos de 2005 e 2006, foram recebidos, respectivamente, 44 e 40 alunos estrangeiros.

Antonio Carlos ressalta que, para realizar esse trabalho, o funcionário deve possuir algumas características básicas. “Devemos ser atenciosos e bem educados para monitorar os estudantes que



Antonio Carlos

chegam e que vão, facilitando a estadia dos alunos aqui e no exterior”, explica. Rosângela considera esse trabalho gratificante. “É muito satisfatório enviar um aluno da FFLCH para o exterior e ver ele retornar com novos aprendizados e experiências”, afirma.

Eles também são responsáveis pelo intercâmbio nacional, recebendo alunos de instituições como UNESP e Unicamp. Em 2005, 26 estudantes dessas duas instituições realizaram cursos na FFLCH. Em 2006, esse número subiu para 45.

Ambos concordam que dois funcionários são suficientes para dar conta do trabalho. No entanto, um dos problemas que dificulta o bom andamento das atividades é a burocracia de algumas instâncias da Reitoria, tais como o Grupo Assessor para Convênios e a CJ. O desafio maior, no entanto, não é enfrentar essa burocracia e sim lidar com vários idiomas. Rosângela recebe as minutas e os documentos no idioma do país do qual a instituição pertence. O inglês ela domina, mas há textos que chegam em francês, espanhol, italiano, etc. “Não posso parar, tenho que dar andamento ao serviço. Se não conheço a língua, pesquiso na Internet ou procuro ajuda de alguém que conheça. Essa busca constante do conhecimento é interessante”, afirma.

O professor Pablo explica que, como a CCInt da FFLCH ainda é nova, as principais atividades que ele desenvolveu nesses meses de gestão foi a elaboração do regimento e a divulgação dos trabalhos. A professora Maria das Graças afirma que pretende dar continuidade aos mesmos planos que já estavam em desenvolvimento. Essa divulgação pode ser feita tanto por meio de reuniões quanto por meio de cartazes que divulguem, por exemplo, prazos para seleções de estudantes para intercâmbios. Como na Comissão há representantes de todos os Departamentos, o professor acredita que as discussões e decisões podem ser transmitidas rapidamente por tais representantes para seus colegas de Departamento. “Esse é um canal de comunicação que podemos explorar”, diz.

Para Maria das Graças, a relevância da comissão

está na sua capacidade tanto de fornecer apoio institucional aos pesquisadores que desejam firmar acordos internacionais quanto de estimular novas iniciativas. Pablo acredita que a característica mais importante da CCIInt é a sua capacidade de articular as ações. "Anteriormente, tudo ficava fragmentado, pois cada Departamento ou grupo de pesquisadores fazia um convênio e ninguém mais ficava sabendo", finaliza.

FUNCIONÁRIOS

- Rosângela Duarte Vicente – Secretária da Comissão
- Antonio Carlos Eigenheer – Assessor para Assuntos de Convênios Culturais e Intercâmbios

MEMBROS TITULARES DA COMISSÃO

- Profª. Dra. Maria das Graças de Souza (presidente – Departamento de Filosofia)
- Profª. Dra. Arlete Orlando Cavaliere (DLO)
- Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior (DLCV)
- Profª. Dra. Eni de Mesquita Samara (DH)
- Prof. Dr. Jairo Morais Nunes (DL)
- Profª. Dra. Laura Janina Hosiasson (DLM)
- Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (DA)
- Profª. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda (DS)
- Profª. Dra. Maria Mônica Arroyo (DG)
- Profª. Dra. Marta Teresa da Silva Arretche (DCP)
- Prof. Dr. Samuel de Vasconcelos Titan Júnior (DTLLC)

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O Serviço de Comunicação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pode ser dividido em quatro áreas de atividades: Comunicação, Editoração, Internet e Audiovisual.



Eliana

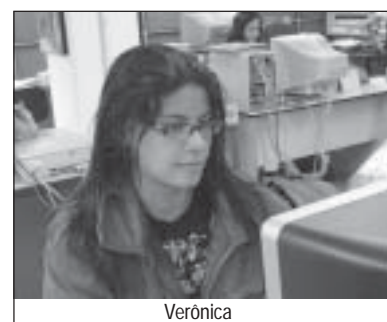
Sob a coordenação de Eliana Bento da Silva Amattuzzi Barros, os funcionários e estagiários da área de comunicação são responsáveis pela divulgação científica da Faculdade por meio de diferentes veículos. Isso inclui, por exemplo, a produção de notícias, reportagens e entrevistas para os boletins internos *Informe* e *Você Sabia* e para a *Sala de Imprensa* (www.fflch.usp.br/sdi/imprensa.html). Os assuntos são variados: vão desde a divulgação de eventos e pesquisas da Faculdade até entrevistas com professores sobre determinados assuntos ligados à realidade brasileira. Para a realização dessas atividades, o Serviço conta com duas estagiárias do curso de Jornalismo: Aline Vicente Miguel e Mariana Pereira Lenharo. Ambas também assessoram a imprensa interna e a externa, agilizando o contato entre jornalistas e docentes da FFLCH.

Quanto aos programas de Web Rádio e TV Digital, que estão em fase de finalização e em breve serão disponibilizados no site da FFLCH, cabe a essa área a elaboração das pautas, dos roteiros e das entrevistas e a edição dos programas. Uma das funcionárias do Serviço que vem trabalhando nessa parte é a técnica de co-

municação Verônica Reis Cristo. Além da produção dos programas, ela também realiza outras atividades, como a elaboração de *press releases* sobre eventos e atividades promovidas pela FFLCH e a divulgação dos mesmos para docentes, funcionários, alunos e para a imprensa interna e externa.

Um dos problemas que dificulta essa atividade é a falta de comunicação entre os seis prédios da unidade. "É difícil saber de tudo o que ocorre na Faculdade. A divulgação só ocorre se o organizador do evento sente essa necessidade. Sem contar que também há aqueles que desconhecem esse tipo de serviço", lamenta.

Verônica também é responsável pela elaboração do *clipping* anual *FFLCH na Mídia*, que consiste na seleção de matérias sobre a Faculdade veiculadas na mídia impressa e em portais da Internet. Porém, como o



Verônica

acesso aos jornais, revistas e a alguns sites depende, muitas vezes, de assinaturas, esse *clipping* é apenas uma amostra daquilo que sai na imprensa.

Outras atividades que ela realiza são a elaboração de ofícios e memorandos e a redação do *Manual de Comunicação*, que fornece uma orientação à comunidade acadêmica sobre como trabalhar junto aos veículos de comunicação, aos alunos e ao público em geral. Juntamente com Eliana, Verônica também trabalha com ques-

tões de planejamento de comunicação. "Fazer planos de comunicação é pensar que tipo de imagem da FFLCH você quer passar para as pessoas. Assim, temos que definir o que queremos transmitir e de que maneira realizar essa transmissão", explica.

Além da coordenação de todas as atividades citadas, cabe à Eliana a captação de recursos e de patrocínios para os projetos que o Serviço desenvolve. No momento, dois estão em andamento. Um é o projeto de estúdio de Web Rádio e TV Digital, que ainda está em estudo e deverá ser montado na própria sala do Serviço de Comunicação. O segundo é um projeto que pretende equipar algumas salas da Faculdade com aparelhos de Audiovisual. A idéia é deixar o Salão Nobre preparado para a realização de uma videoconferência. Já na sala de Defesa e na de Reuniões, serão instalados projetores.

Ainda em relação aos projetos, o Serviço também está envolvido em alguns que a Faculdade desenvolve. Entre eles, estão o I Projeto de Integração Social da FFLCH, a Comissão Interna de Gestão de Qualidade e Produtividade e a Sala de Apoio Educativo. Assim, a estagiária de Relações Públicas Daniela Yoko Taminato realiza um trabalho de apoio aos três. No I Projeto de Integração Social, por exemplo, ela foi responsável pela elaboração do formulário de solicitação de verbas para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, pelo levantamento de livros e materiais necessários às atividades e pelo contato com os alunos participantes do projeto. Atualmente, está em andamento uma outra etapa: a feira de estudantes. "Estamos em fase de estudo e estruturação do evento, definindo os objetivos e o público-alvo", explica Daniela.

Já na Comissão citada, cujo objetivo é a integração dos funcionários em torno do tema da qualidade de vida e da produtividade, Daniela participa das reuniões e redige as atas correspondentes. Quanto à sala de Apoio Educativo, a estagiária é responsável pelo cadastro dos funcionários e pelo levantamento de dados e informações.

Para Eliana, o maior desafio do Serviço é "administrar a falta de equipamentos e de pessoal, de modo a impedir que o serviço pare". Os maiores problemas da seção, para ela, são a burocracia para a aquisição dos equipamentos e o número insuficiente de funcionários fixos, já que o serviço conta com três estagiárias e uma funcionária temporária. "Cada um de nós desenvolve diversas funções, o que impede a concentração dos funcionários e estagiários em uma única tarefa. Mesmo assim, a qualidade do serviço é de boa para ótima", afirma.

Eliana também ressalta a persistência que um profissional da área de comunicação deve ter. "Quem traba-

lha com comunicação recebe muitos 'nãos'. Às vezes, dependemos apenas da palavra de alguém para finalizarmos uma matéria e publicá-la e o serviço fica parado", lamenta.

ÁREA DE EDITORAÇÃO

Além da produção e da diagramação dos boletins *Informe* e *Você Sabia*, a área de Editoração também elabora materiais impressos de divulgação de eventos e de atividades promovidas pela FFLCH. Como exemplo, temos: cartazes, *banners*, *folders*, convites e cadernos de resumos de eventos, de Aulas Magnas e de títulos de Professores Eméritos.

Dorli Hiroko Yamaoka, que coordena essa área, explica que além da definição de um *layout* e da composição e diagramação do material, também deve ser feito o tratamento e a digitalização das imagens que serão utili-



zadas. Feito isso, o material é impresso de maneira invertida em uma folha transparente, chamada *filme laser*. Ele é, então, encaminhado ao Serviço de Artes Gráficas, onde são realizados a impressão e o acabamento.

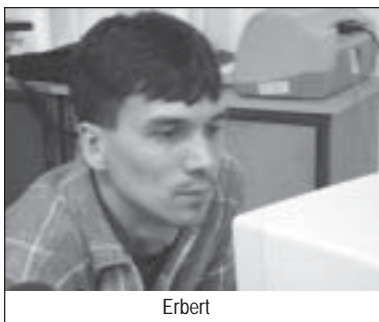
Dorli também faz parte da Comissão de Publicação *On-line*, cuja constituição foi aprovada pelo CTA (Conselho Técnico Administrativo) há cerca de um ano. O objetivo é estudar e definir um *layout* para que as teses premiadas pela FFLCH sejam disponibilizadas na Internet, respeitando-se o registro ISBN (*International Standard Book Number*), como se fossem publicações impressas. "Foi o Departamento de Linguística que levantou essa possibilidade, já que a publicação de um livro requer um custo alto", explica Dorli. Ela é responsável por elaborar um projeto gráfico padrão, sendo que a diagramação das teses ficará por conta de cada Departamento.

Ela considera que o maior problema da área, atualmente, é a falta de equipamentos de qualidade para a impressão. "Como não temos um boa impressora a *laser*, imprimimos o *filme laser* no xerox, o que atrasa o andamento das atividades", explica Dorli. No entanto, até o final do ano, o Serviço deve receber uma nova fotocopadora, o que permitirá a impressão de cartazes em formato A3 e A4 coloridos e em preto e branco.

A coordenadora ainda ressalta que como o trabalho de diagramação exige muita concentração, o ideal seria

que sua área estivesse um pouco isolada do restante do Serviço, já que na mesma sala realizam-se atividades de assessoria de imprensa, transcrição de fitas, atendimento ao público, local onde também será montado o estúdio de rádio e TV.

ÁREA DE INTERNET



Erbert

A área de Internet do Serviço de Comunicação, a qual está sob a coordenação de Erbert A. da Silva, é a que conta com um maior número de atividades novas em desenvolvimento. Uma delas é a videoconferência,

que consiste na transmissão de imagens e de som entre os interlocutores por meio de uma rede de computadores, permitindo a interação entre os participantes. A primeira videoconferência da FFLCH foi realizada em janeiro desse ano, entre o professor Leandro Piquet Carneiro, do Departamento de Ciência Política, e um docente dos Estados Unidos.

Uma outra atividade em desenvolvimento é a parte técnica dos Serviços de Web Rádio e TV Digital, que consistem, respectivamente, nas transmissões de áudio e de vídeo e áudio pela Internet. Esses dois novos serviços serão responsáveis por potencializar a divulgação científica, cultural e acadêmica de professores, funcionários e alunos da FFLCH, tanto para o público interno quanto para a sociedade em geral. Isso pode ser realizado tanto na forma de programas quanto por meio de transmissões em tempo real de eventos, aulas magnas, palestras, congressos, entre outros.

Segundo Erbert, a edição do programa piloto de Web Rádio já está pronta e foi submetida à aprovação da Comissão Editorial de Audiovisual. Ele ainda ressalta que o Serviço ainda não dispõe de todos os equipamentos necessário para a produção dos programas, já que estão em processo de compras, licitação e pregão. Mesmo assim, o trabalho vem sendo realizado com o que a equipe dispõe ou com a ajuda de terceiros. A edição, por exemplo, foi realizada com o auxílio do LAPEL (Laboratório de Apoio à Pesquisa e ao Ensino de Letras).

A transmissão *on-line* de eventos é outra atividade que desenvolve-se com sucesso. Tendo o endereço do *site*, qualquer pessoa pode acessá-lo e assistir ao evento. Por fim, também é responsabilidade dessa área a criação de páginas de eventos, na qual são disponibilizadas

todas as informações sobre o mesmo.

No entanto, o bom andamento dessas atividades é prejudicado pela falta de equipamentos e pela burocracia para a requisição dos mesmos. "Apenas hoje estamos recebendo equipamentos solicitados há mais de três anos por serem muito específicos, de atualização crescente e alguns importados", exemplifica. "A Universidade, com esta grande burocracia, acaba levando muito tempo e passa a andar a passos de tartaruga, ficando sempre um degrau atrás do que acontece no mercado", lamenta o funcionário.

Ele também defende que o ideal seria que todas essas atividades citadas fossem desmembradas e que cada uma delas ficasse sob a responsabilidade de um funcionário. Para isso, a mão-de-obra deveria ser ampliada e treinada. "Com divisão de tarefas e com a especialização, o trabalho fluiria mais rápido e o resultado seria melhor", afirma. No entanto, ele ressalta que a qualidade e a motivação do quadro de funcionários também são fundamentais. "O seu horizonte quem vai definir é você. Por isso, nunca pare, encare cada atividade como um novo desafio. É assim que você conseguirá realizar-se pessoal e profissionalmente", conclui.

ÁREA DE AUDIOVISUAL

Sob a coordenação do operador de audiovisual Eusébio Gregório Costa, essa área pode ser dividida em duas vertentes principais. A primeira é a cobertura e o suporte técnico aos eventos da Faculdade que possuem o apoio da Diretoria. Isso inclui, por exemplo, serviços de filmagens, fotografias, edição e sonorização.



Eusébio

Além disso, a área de audiovisual é responsável por fornecer um suporte à área de comunicação do Serviço, o que inclui, por exemplo, fotografias que ilustram os boletins *Informe* e *Você Sabia*, a filmagem de entrevistas e a captação imagens e sons que serão utilizados nos programas de Web Rádio e TV Digital.

Eusébio considera o número de auxiliares e técnicos de audiovisual insuficiente para atender à demanda de toda a Faculdade. "Já cheguei a atender três eventos no mesmo dia. Se tivéssemos mais funcionários, o trabalho teria sido melhor organizado", afirma. Ele também ressalta que às vezes o seu serviço é dificultado pela falta de organização dos próprios organizadores dos eventos.

“Muitas pessoas simplesmente jogam um ofício na minha mão solicitando uma filmagem de última hora. Quando chego com todo o aparato no local, vejo que não preciso de tudo aquilo ou que preciso de muito mais”, lamenta.

Além da área de audiovisual, também cabe a Eusébio o arquivamento de ofícios e as solicitações de materiais de compras e de almoxarifado.

Funcionários

ÁREA DE COMUNICAÇÃO

· Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros – coordenadora

- Verônica Reis Cristo – técnica de comunicação
- Aline Vicente Miguel – estagiária de Jornalismo
- Daniela Yoko Taminato – estagiária de Relações Públicas
- Mariana Pereira Lenharo – estagiária de Jornalismo

ÁREA DE EDITORAÇÃO

· Dorli Hiroko Yamaoka – coordenadora

ÁREA DE INTERNET

· Erbert A. da Silva – coordenador

ÁREA DE AUDIOVISUAL

· Eusébio Gregório Costa - coordenador



EDITORA HUMANITAS

POR LÍVIA MAJOR

O principal objetivo da Humanitas, a editora da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, é publicar a produção científica dos docentes, os trabalhos de iniciação científica e as dissertações e teses da Faculdade. Mensalmente são publicados uma média de quatro títulos, além das 40 revistas anuais das áreas específicas da FFLCH.

Os recursos para as publicações são obtidos tanto pelos financiamentos da Fapesp (Fundação de Amparo a Pesquisa do estado de São Paulo), como com as vendas dos livros e das revistas, já que em geral, a Fapesp cobre apenas 50% do custo da publicação. Geralmente a tiragem é de 500 exemplares. Caso o tema seja bastante interessante e abrangente, a tiragem pode chegar a mil livros. “O processo ocorre da seguinte forma: o interessado envia o original para a Editora que o apresenta ao Conselho Editorial. Após análise, o Conselho indica pareceristas para

avaliar o mérito do trabalho. Se o trabalho obtiver um parecer favorável é feito um orçamento para solicitar auxílio da Fapesp”, explica Maria Helena Gonçalves Rodrigues, coordenadora editorial da Humanitas. Nem todos os livros são aprovados para publicação. Isso porque alguns têm temas muito específicos, e o Conselho conclui que serão pouco vendidos e financeiramente não compensam:

“Não temos objetivos comerciais, mas como o espaço para estoque é muito pequeno, acabamos fazendo uma triagem do material”, afirma ela.

Também faz parte da editora a Livraria Humanitas-



Discurso, localizada no prédio de Filosofia e Ciências Sociais. Lá vendem-se não apenas publicações da Humanitas, mas também da Discurso (editora da Faculdade de Filosofia) e de outras editoras universitárias. Segundo Helena, essa parceria é um modo de beneficiar ainda mais o aluno: "Nossos livros são vendidos pelas editoras universitárias de todo o Brasil e vendemos os deles aqui também. São obras que vêm da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e UFPA (Universidade Federal do Pará), por exemplo". Além disso, as publicações da Humanitas também são distribuídas para livrarias comerciais, como a Livraria Cultura, Fnac, Belas Artes e Seade.

O principal problema da editora é o espaço físico, que é insuficiente e inadequado. Helena afirma que uma média de dois mil livros entra em estoque por mês, mas essas obras levam de um a dois anos para serem totalmente escoadas. Além disso, a área em que funciona a editora não possui ventilação. Inicialmente esse espaço foi projetado para ser uma livraria, mas pela falta de espaço, hoje é parte da editora. São 10 pessoas trabalhando em uma área sem janelas.

Para resolver parte desses problemas, periodicamente a Humanitas realiza promoções, participa das feiras da Edusp (Editora da USP) e montam pontos de venda em eventos e seminários. Além disso, a editora está em negociação para conseguir um espaço que hoje é da Marcenaria. O projeto já foi aprovado pela Diretoria da Faculdade, mas ainda falta a autorização da Prefeitura do Campus para iniciarem as obras.

Também no sentido de diminuir o estoque, o diretor da FFLCH decidiu pela diminuição da tiragem das revistas anuais, que passou a ser de 200 exemplares. Essa mudança vem acompanhada de um novo projeto da Humanitas: a criação de um *site* com todas as revistas disponíveis *on-*

line. Dessa forma, o acesso será ainda maior.

A editora é dividida em três setores: editoração, distribuição e livraria. No total são 15 funcionários coordenados por Maria Helena, que cuida também da edição geral dos livros e da administração. No entanto, Maria aponta a necessidade de um arte-finalista (profissional para criar as capa das obras) fixo: "Hoje trabalhamos com estagiários para esta função, mas criação é um trabalho que demanda tempo, e em geral os estagiários não ficam mais do que alguns meses conosco. Quando eles estão realmente aprendendo o trabalho, saem daqui", explica ela.

FUNCIONÁRIOS

EDITORA

- Katia Muller
- Marcos Eriverton Vieira
- Maria Helena Golçalves Rodrigues
- Selma Maria Consoli Jacintho
- Tatiana Totino Richter
- Walquir da Silva

DISTRIBUIÇÃO

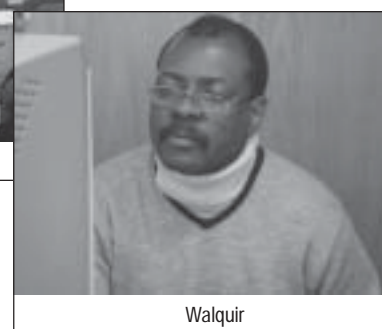
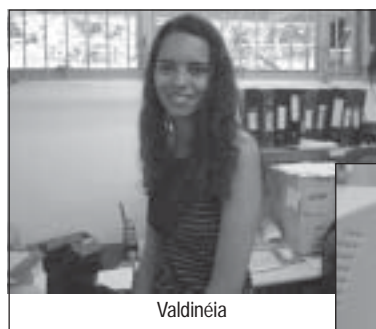
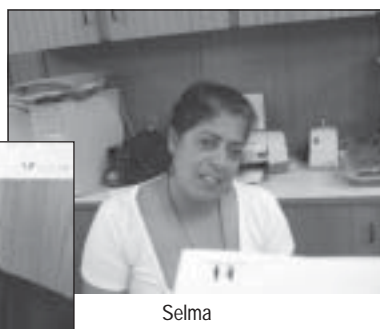
- Leonilda Pais
- Valdinéia dos Santos Silva

LIVRARIA

- Ana Maria de Souza Soares Ribeiro
- Larissa Neves de Macedo

ESTAGIÁRIOS

- Andreia Nunes Pedrozo Moriz
- Leticia Santos Carniello
- Sílvia Carvalho de Almeida
- Thomaz Massadi Teixeira Kawauche
- Vanessa Fernanda dos Ouros



SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS E SEÇÃO DE GRÁFICA

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O Serviço de Artes Gráficas é responsável pela impressão e acabamento das publicações e materiais de divulgação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Segundo João Fernando Querido Salvado, chefe do Serviço, as publicações são provenientes da Editora Humanitas, e incluem livros, revistas e apostilas. Já os materiais de divulgação de eventos vêm do Serviço de Comunicação, tais como, cartazes, folhetos, cadernos de resumos e de professores eméritos e aulas magnas, além dos Boletins Informe e Você Sabia.



João Fernando

João Fernando explica que antes de iniciar qualquer impressão, a seção interessada (na maioria das vezes, a Humanitas e o Serviço de Comunicação) deve encaminhar um ofício solicitando o serviço de impressão à gráfica.

João Fernando, então, faz um orçamento, o qual precisa ser aprovado pelo solicitante. Materiais provenientes do Serviço de Comunicação já são pré-aprovados. Os orçamentos da Humanitas, no entanto, precisam de autorização do diretor da FFLCH. Aprovado o orçamento, ele faz uma ordem de serviço, que é encaminhada para a Seção de Gráfica. É aí que se inicia o trabalho de produção. Uma cópia do orçamento e outra da ordem de serviço são enviadas para o setor financeiro, já que cada Departamento ou seção da unidade possui uma verba específica para gastos com artes gráficas.

Enquanto o Serviço de Artes Gráficas é responsável pela parte administrativa, como o controle da entrada e saída de materiais, os pedidos de compras e orçamentos, a Seção de Artes Gráficas cuida dos trabalhos de impressão e acabamento. O chefe da Seção, José Geraldo Pereira, explica todas as etapas do trabalho da equipe. Primeiramente, todos os materiais a serem impressos chegam na gráfica em filme *laser* (uma espécie de folha transparente na qual o texto é impresso de maneira invertida). Esse filme *laser* é montado em cima de uma chapa de alumínio pré-sensibilizada, a qual é colocada numa máquina de exposição. Com a exposição à luz dentro da máquina, os textos e as imagens do filme *laser* são transferidos para a chapa de alumínio que, depois de revelada, vai para a impressora.

Na impressora, há rolos que controlam a quantidade e o amaciamento da tinta. Um outro rolo molha a chapa com um líquido específico, para que a tinta pegue apenas no texto e não na chapa inteira. O texto que está na chapa é, então, transferido para um cilindro de borracha, o qual copia seu conteúdo para o papel.

No caso de um livro, por exemplo, após essa etapa vem a finalização. Assim, as folhas impressas são levadas para a guilhotina, onde são cortadas ao meio. Depois elas vão para uma máquina responsável por intercalar as folhas de acordo com a ordem das páginas. Elas são levadas novamente para a guilhotina e cortadas ao meio, para juntar as duas metades do livro. Feito isso, um outro equipamento faz a colagem da capa no livro.

No entanto, há alguns problemas que dificultam o trabalho. Um deles é a falta de equipamentos modernos de impressão. Segundo Geraldo, há muitos professores que produzem as capas de seus livros em gráficas externas, já que as máquinas da FFLCH não são adequadas para trabalhar com quadricromia (registro de quatro cores). Além disso, ele afirma que a qualidade de certos materiais, como o filme *laser* e o papel, nem sempre é a melhor. "Às vezes a impressão não sai como a gente gostaria. Procuramos fazer o melhor, mas na medida do possível, com o que temos nas mãos", lamenta.

Um outro problema é o quadro reduzido de funcionários. Tanto João Fernando quanto Geraldo concordam que doze funcionários são insuficientes para a quantidade de trabalho, ainda mais que dentre eles, há dois afastados por licença-saúde. No primeiro semestre desse ano, o Serviço imprimiu e finalizou 32 publicações, sendo que a tiragem total ultrapassou o número de 30 mil exemplares. É por isso que João Fernando diz que o grande desafio da equipe é cumprir prazos. "Trabalhamos com máquinas obsoletas e pouca mão-de-obra".

Além desses dois problemas, uma outra dificuldade apontada por eles é o desconhecimento da área gráfica por parte dos interessados. "Há pessoas que ficam 30 dias produzindo o *folder* de um evento. Quando o texto está pronto, elas querem que a impressão ocorra em 15 minutos", exemplifica João Fernando. Assim, Geraldo ressalta que o prazo mínimo para que livros e revistas fiquem prontos é de 30 dias.

O chefe do Serviço também lamenta que muitos usuários desrespeitem os trâmites burocráticos. “Há normas que precisam ser seguidas. Para começarmos um trabalho, necessitamos primeiro de um ofício que especifique o que o usuário quer, a quantidade e o tipo de material. Como vou fazer o orçamento sem essas informações?” questiona.

FUNCIONÁRIOS

1) Serviço de Artes Gráficas

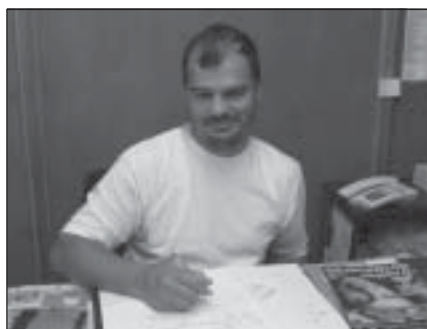
- João Fernando Querido Salvado – chefe do serviço e técnico para assuntos administrativos
- Elisabeth Rabockai – técnica para assuntos administrativos

2) Seção de Gráfica

- Aloísio José dos Santos – técnico de gráfica
- Amauri Augusto Diniz – auxiliar gráfico
- Charles de Oliveira – técnico de gráfica
- José Fermindo da Silva – técnico de gráfica afastado por licença médica
- José Geraldo Pereira – técnico de gráfica e chefe da Seção
- Júlio Ruiz Lopes Filho – técnico de gráfica
- Marcelo Domingues – auxiliar gráfico
- Nilton dos Santos Lopes – técnico de gráfica
- Paulo Augusto de Jesus Ferreira dos Santos – técnico de gráfica afastado por licença médica
- Rodolfo Bernardo da Silva – técnico de gráfica



Elisabeth



Charles



Geraldo



Marcelo



Júlio



Aloísio José



Rodolfo

SEÇÃO TÉCNICA DE INFORMÁTICA

POR LÍVIA MAJOR

O Serviço de Informática é responsável por tudo que se refere a computadores e telefonia na FFLCH. Uma das



Ricardo

funções é a manutenção de equipamentos, desenvolvimento de sistemas, assessorias técnicas e o gerenciamento da rede de computadores. Ricardo Fontoura, chefe do serviço, destaca que a assessoria técnica prestada é uma das mais importantes

funções, pois segundo o último levantamento, feito em 2000, a FFLCH dispunha de uma média de 500 computadores. Hoje esse número aumentou para 1200.

A Faculdade é uma das únicas Unidades que desenvolve sistemas administrativos. E a Informática é a responsável por isso. Alguns exemplos são os sistemas desenvolvidos para a área financeira adotado pelo IME e CCE e o de votação eletrônica adotado também pela Faculdade de Educação.

Já o *site* da Faculdade é uma parceria entre a Informática e o Serviço de Comunicação: "tanto o novo *layout* como a manutenção do *site* são feitos em conjunto", explica Ricardo. Outra responsabilidade desse Serviço é a compra de todo equipamento de informática. "Os pedidos são encaminhados direto para nós. Analisamos a real necessidade do produto, as características técnicas e auxiliamos na montagem do edital do pregão", afirma ele. No entanto, muitas vezes o usuário não se preocupa em fazer corretamente a requisição. Segundo Ricardo, o sistema de compras da USP está passando por mudanças, e muitas vezes os equipamentos não estão cadastrados, o que dificulta o serviço.

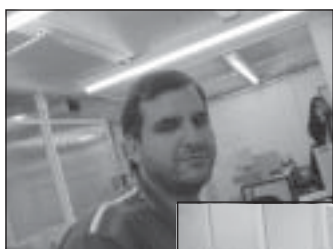
Um outro problema, aponta ele, é a falta de uma política que normalize o uso dos equipamentos na Faculdade. Isso porque muitos usuários tratam o instrumento como

particular: fazem *downloads* de softwares piratas ou abrem quaisquer páginas na Internet e acabam contaminando seus computadores com vírus: "Deveria haver normas que proibissem isso, ou que penalizassem os funcionários de alguma forma. Afinal *software* pirata é crime. Isso ajudaria bastante, porque a FFLCH é uma unidade muito grande e muitas assessorias têm esse motivo".

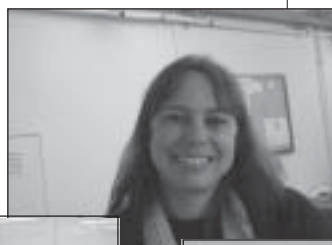
A equipe é formada por 14 funcionários, entre analistas, técnicos e estagiários. Os primeiros se dedicam ao desenvolvimento dos sistemas e a manutenção dos servidores. Já os técnicos trabalham principalmente com a manutenção dos equipamentos e assessorias. Mas para Ricardo, há a necessidade de uma secretária e de mais um técnico. "Assim, poderíamos atender com excelência todas as áreas", conclui.

FUNCIONÁRIOS

- Alba Noemi Rios Rodrigues Sousa – Técnica de Contabilidade Financeira (em licença para tratamento médico)
- Antonio Freitas de Andrade Neto - Analista para Assuntos Administrativos (fica na sala pró-aluno do prédio de Filosofia e Ciências Sociais)
- Augusto Cesar Freire Santiago - Analista de Sistemas
- Fabio Yoshimitsu Nakamura - estagiário
- Fernanda Carolina de Oliveira - estagiária da sala pró-aluno de Letras
- Flávia Aparecida dos Santos - estagiária
- Gilberto Vargas - Técnico em Informática
- José Roberto Visconde de Souza - Analista de Sistemas
- Luciana Roman Lopes - estagiária
- Luis Ricardo Bérnago - estagiário
- Neli Maximino – Analista de Sistemas
- Ricardo Fontoura - Chefe da Seção Técnica de Informática
- Vinicius Sales do Nascimento França - estagiário
- Wellington da Silva Moura - Técnico de Informática
- Wellington Florentino Leite - estagiário



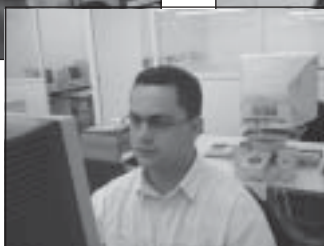
Gilberto



Neli



Wellington



Augusto



José Roberto



Maurício

DEPARTAMENTOS – PRÉDIO DE LETRAS

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Os funcionários de um Departamento devem entender, indistintamente, das três áreas da Faculdade: da administrativa, da financeira e da acadêmica. É assim que as funcionárias Maria Angela Aiello Bressan Schmidt e Maribel Figueiredo Santos da Silva Arruda, secretárias do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e do Departamento de Letras Orientais, respectivamente, definem as principais atividades de suas equipes.

O Informe conversou com cada secretário de Departamento do prédio de Letras, bem como com os professores chefes de cada um deles, para entender como são suas rotinas de trabalho e quais são os principais problemas e desafios a serem superados.

Além da coordenação de todo o trabalho dos funcionários, o secretário é responsável pelo despacho com o chefe, pelas correspondências endereçadas à chefia, por todo material que será analisado na reunião do Conselho Departamental (pauta) e, conseqüentemente, pela ata da mesma.

Em cada um dos Departamentos da FFLCH funcionam uma secretaria de graduação e uma de pós-graduação, nas quais se dá o atendimento aos professores, alunos e ao público em geral. Entre as atividades administrativas desenvolvidas na graduação estão a elaboração e encaminhamento de ofícios, pedidos de férias, licenças-prêmios, afastamentos de docentes e funcionários, reserva de salas e de equipamentos, entre outros.

Já em relação à área financeira, são feitos os pedidos de material de almoxarifado, as solicitações referentes à liberação de verbas para o pagamento de pró-labore e de diárias aos professores visitantes, e o controle e levantamento da Dotação Básica.

Quanto à parte acadêmica, os funcionários da secretaria assessoram os docentes no cadastro de notas no sistema Júpiter a cada final de semestre e atendem aos alunos de graduação nas mais variadas solicitações. Como exemplo, temos o pedido para a alteração em boletins de notas e frequências. Assim, funcionam como mediadores entre as seções de alunos e os professores.

Cabem ainda a essas secretarias a inclusão e a exclusão de disciplinas no Sistema Júpiter, a elaboração e o cadastro das estruturas curriculares de cada curso ou área e o controle das bolsas de iniciação científica.

Cada Departamento, ainda, deve encaminhar para o Serviço de Cultura e Extensão Universitária da FFLCH as propostas para a criação de cursos extracurriculares, bem como cadastrá-los no Sistema Apolo. Em alguns Departamentos, os funcionários também se responsabilizam pela divulgação e organização de eventos (na parte financeira e administrativa), cabendo aos docentes a parte didática.

Já às secretarias de pós-graduação compete a elaboração do relatório CAPES, que é o carro-chefe para a avaliação dos programas. Trata-se de um relatório minucioso, anual, sobre todos os programas de pós oferecidos pela FFLCH, que deve conter todas as atividades, trabalhos e publicações desenvolvidas por docentes e pós-graduandos, além dos objetivos e metas do programa.

Além do credenciamento e reconhecimento de professores, disciplinas e bolsistas, há outras atividades desenvolvidas por essa secretaria. As principais são: a seleção de bolsas, os processos seletivos para o ingresso no pós e os exames de qualificação. Desse modo, os funcionários devem ficar atentos aos prazos para as solicitações de bolsas junto às agências de fomento, como CAPES e CNPq, receber os projetos de pesquisa dos alunos e encaminhá-los para a comissão de bolsas, que fará a avaliação.

Já as inscrições para a seleção de alunos para o Mestrado e o Doutorado são realizadas no Serviço de Pós-Graduação da Faculdade. As fichas dos inscritos são encaminhadas para as respectivas secretarias de pós, as quais devem cadastrá-las no sistema Fênix, aplicar as provas e agendar as entrevistas com os orientadores. Concluídas essas etapas, os funcionários elaboram a tabela de resultados divulgando-os e cadastrando-as no Sistema Fênix.

Já o exame de qualificação é uma espécie de pré-defesa: é quando o aluno vai apresentar o seu trabalho. Nessa etapa, os funcionários devem preparar atas e ofícios, receber os exemplares do trabalho e encaminhá-los para todos os membros das bancas e lançar os resultados no Sistema Fênix.

Em resumo, podemos dizer que cada Departamento é responsável pela vida acadêmica de seus docentes e alunos. Leia, nas próximas matérias, um pouco mais sobre cada Departamento do prédio de Letras.

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) é o maior Departamento do prédio de Letras: possui 112 docentes, 3600 alunos de graduação nas três habilitações (Português, Latim e Grego) e 549 estudantes nos cinco programas de pós-graduação oferecidos (Filologia e Língua Portuguesa, Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Letras Clássicas, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa). Isso confere uma certa peculiaridade ao trabalho do chefe desse Departamento. "A administração do DLCV, um dos maiores da Faculdade, não pode impedir a continuidade da minha vida intelectual", explica o professor e chefe do DLCV João Roberto Gomes de Faria. Ele deve continuar pesquisando, dando aulas, publicando e organizando livros.

O professor explica que o grande problema do Departamento é o seu tamanho: há poucos funcionários para dar conta de todo o trabalho, o que faz com que eles fiquem sobrecarregados. Carmen Sanches Eigenheer, secretária do Departamento, explica que o grande desafio de sua equipe é procurar sempre dar o melhor atendimento possível, mesmo com o número insuficiente de servidores. Ela conta com cinco funcionários para a secretaria da graduação e três para a secretaria da pós.

Desse modo, a principal proposta do professor João Roberto é melhorar as condições de trabalho. Além da contratação de mais funcionários, isso inclui também a ampliação do quadro docente, de modo a manter e a aprimorar a qualidade dos cursos e das disciplinas.

Ele considera fundamental o estabelecimento de uma política de qualificação profissional que leve em conta a participação sistemática do corpo docente em programas de pós-doutorado no exterior. "Temos vários professores doutores que são impossibilitados de realizarem o pós-doutorado devido à grande carga didática", lamenta. João Roberto também pretende estimular os concursos de livre docência entre os professores do Departamento. "Essa é uma etapa muito importante na carreira do professor, mas ele só consegue escrever sua tese se tiver condições ideais de trabalho", afirma. No entanto, ele deixa claro que a concretização dessas propostas depende da contratação de mais professores. "Todas as nossas áreas têm trabalhado em um limite. Se um docente se afasta, seu colega

acaba ficando sobrecarregado", explica.

João Roberto possui, ainda, mais dois objetivos importantes para a sua gestão. Um é a valorização equânime das atividades de ensino e de pesquisa. Ele explica que órgãos como CNPq, CAPES e a própria CERT (Comissão Especial de Regime de Trabalho) valorizam muito pouco a docência. "O que esses órgãos querem é que o professor mostre que produz, escreve e publica", afirma.

O segundo é melhorar o desempenho dos programas de pós-graduação do DLVC junto à CAPES. O programa de Literatura Brasileira possui nota 6 e os outros têm nota 4. Essa proposta, de acordo com o professor, será alcançada com o treinamento dos funcionários para que o relatório CAPES seja preenchido de maneira adequada e correta. O problema, para ele, não é a qualidade acadêmica. "Todos os nossos programas formam mestres e doutores que saem daqui e vão dar aulas em todas as universidades brasileiras, o que mostra a qualidade dos nossos cursos", explica. "No entanto, no momento de apresentarmos concretamente a nossa realidade acadêmica, acabamos sendo prejudicados. Os formulários da CAPES são tão confusos que o preenchimento torna-se um problema", diz.

Atualmente, o DLCV está discutindo um novo modelo para a licenciatura. O Ministério da Educação determinou que até 2008 todos os cursos que possuem licenciatura devem dividir a grade horária com a Faculdade de Educação. Para implementar esse projeto, o Departamento criou oito disciplinas novas, entre as quais: *Língua, Discurso e Ensino e Ensino de Literatura Brasileira*. O oferecimento das mesmas, no entanto, apenas será possível depois que a Reitoria disponibilizar verbas para a contratação de novos docentes.

Ele finaliza expressando um desejo não apenas seu, mas de todos os colegas do prédio: "Esperamos ansiosamente que a construção do anexo didático saia do papel, pois a falta de espaço físico é um problema muito grave".

Chefe do Departamento: Professor João Roberto Gomes de Faria

Suplente do Chefe: Professor Benjamin Abdala Júnior (atualmente, chefe em exercício)

Funcionários:

- Carmen Sanches Eigenheer – secretária do Departamento

SECRETARIA DA GRADUAÇÃO

- Ana Edite Naves – técnica acadêmica
- Enedina Alves da Silva – técnica acadêmica

- Idalina Aparecida Ramos – técnica acadêmica
- Ilza Cavalcante da Silva – técnica acadêmica
- Maria Helena Santos de Souza – técnica acadêmica

SECRETARIA DA PÓS-GRADUAÇÃO

- Durvalina Marques Estima – técnica acadêmica
- Jacó Luiz de Souza – técnico acadêmico
- José Sérgio Viana Cunha – técnico acadêmico



Carmen



Maria Helena



Jacó



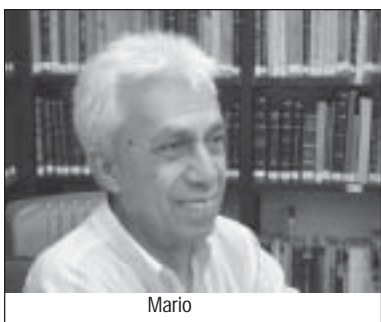
Ilza



Idalina

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Mario

Formar indivíduos críticos por meio do exercício da leitura e da escrita. Na opinião do professor Mario Miguel González, chefe do Departamento de Letras Modernas (DLM), é esse o objetivo não ape-

nas dos cursos de Letras Modernas, mas também do curso de Letras da FFLCH como um todo.

Do ponto de vista acadêmico, o DLM possui cinco grandes áreas didáticas, que compreendem as línguas e literaturas inglesa, espanhola, alemã, italiana e francesa. Conta com 65 professores na ativa, mais de 2000 alunos de graduação, perto de 400 na pós-graduação e por volta de 2500 na cultura e extensão. Como cada uma dessas áreas tem seu coordenador da graduação, da pós e dos cursos extracurriculares, cabe ao professor Mario

dialogar com cada um deles para identificar suas demandas e seus problemas. “Na prática, eu sou o coordenador de cinco pequenos Departamentos, já que cada área tem uma certa autonomia em relação às demais”, afirma.

As tarefas de um chefe de Departamento dividem-se em duas partes. Uma é a administrativa: todas as solicitações de qualquer professor do DLM devem passar pelas mãos do chefe, como afastamentos, férias, licenças, entre outros. A outra é a parte acadêmica, cujas discussões ocorrem, fundamentalmente, no âmbito do Conselho Departamental. Mario González, inclusive, ressalta que o Conselho funciona de maneira aberta: qualquer professor do DLM, mesmo que não seja um representante eleito de sua categoria, pode comparecer às reuniões e votar nelas. Desse modo, todas as decisões são tomadas em conjunto. “O chefe não manda, ele coordena. Eu sou um ponto de encontro das inquietações dos meus colegas, responsável por encaminhá-las ao Con-

selho. Este, em seu conjunto, discutirá e decidirá o que fazer”, explica o professor. Também cabe ao chefe representar o seu Departamento na Congregação, no CTA, em eventos, e perante as diversas instâncias ou segmentos da Universidade.

Para ele, o maior problema do DLM hoje é o descompasso entre o número de docentes e a quantidade de atividades pelas quais eles devem responder. “A pós-graduação cresceu, aumentaram as vagas da graduação, vieram os cursos extracurriculares e as atividades institucionais e administrativas. Somos poucos para darmos conta de todo esse trabalho”, lamenta. “E não é apenas o trabalho em sala de aula: somos exigidos a pesquisar e a produzir. A Universidade, porém, nem sempre nos dá condições para isso”, explica o professor. Uma das causas desse problema é a não reposição dos docentes que se aposentam, já que a USP, como é autônoma, deve bancar todas as aposentadorias. Ele defende que a solução para isso seria o aumento do percentual de repasse da verba do ICMS para as universidades, ainda mais após a criação da USP Leste e a incorporação da Faenquil (Faculdade de Engenharia Química de Lorena) “O governo faz propaganda de que a Universidade de São Paulo cresceu, mas o orçamento continua o mesmo”, diz.

Hoje, o DLM oferece, nas habilitações da graduação, 110 vagas em Inglês e Espanhol e 80 em Francês, Alemão e Italiano, divididas nos períodos matutino e noturno. O aumento da demanda pelas línguas estrangeiras, aliado à queda da taxa de evasão do curso de Letras, causa uma superlotação das salas de aulas e, conseqüentemente, a inviabilização do ensino. “Como você pode ensinar uma língua estrangeira para uma turma de 40, 50 ou 60 alunos? Para o ensino de Literatura você tem que dialogar, discutir, debater e conhecer os alunos. Em uma sala com 60, você não sabe quem é quem”, explica Mario. O ideal, na sua opinião, seria a divisão das turmas, mas isso só seria possível com a ampliação do prédio, prometida há anos e ainda no projeto, e a obtenção de claros para a contratação de mais professores.

A falta de recursos humanos também é uma dificuldade enfrentada pelos funcionários do Departamento. Francisco Moreira dos Santos, secretário do DLM, explica que aguarda a reposição de dois funcionários do DLM que se aposentaram nos últimos anos. Uma outra dificuldade apontada por ele é a burocracia para os pedidos de compras e de verbas. Já a funcionária Edite dos Santos Nascimento Mendes Pi, responsável pela secretaria de pós-graduação, explica que até 2005 ela também sofria com a falta de funcionários, Hoje, não mais, já que em

outubro do ano passado houve a contratação de mais uma pessoa. Ela, entretanto, ressalta que o número de funcionários é relativo. “Às vezes há muitos funcionários e o serviço não sai. O que importa é a qualidade e a motivação de cada um”, afirma.

Uma das propostas de gestão do professor Mario é, justamente, ampliar o quadro de funcionários e lutar, conjuntamente com os demais Departamentos, pelo cumprimento das negociações da greve de 2002 e a conseguinte concessão dos claros docentes ainda não outorgados. Uma outra meta é procurar mecanismos de integração das áreas didáticas do DLM. O professor entende que há três linhas transversais no Departamento: Línguas Estrangeiras Modernas, Literatura Estrangeira Moderna e Tradução. Segundo ele, Tradução é a área em que isso é mais fácil de ser implantado, embora nem todas as áreas estejam igualmente envolvidas e falem os docentes prometidos para o projeto. Na graduação, há algumas disciplinas que contemplam essa integração. Um exemplo é a optativa *Por que ler os clássicos?*, que abrange a leitura de obras clássicas de cada uma das literaturas modernas. O desafio maior é desenvolver essa proposta integradora na pós-graduação, o que não significa a fusão dos programas e sim a criação de atividades que envolvam o interesse de duas ou mais áreas.

Mario González também busca uma integração com os outros Departamentos do curso de Letras. Um exemplo é o LAPEL (Laboratório de Apoio à Pesquisa e ao Ensino de Letras), implementado no ano passado. O objetivo foi fundir espaço físico, funcionários e equipamentos, como vídeos, câmeras e datashows, ao invés de cada Departamento permanecer com seu laboratório carente de recursos.

O DLM possui, ainda, dois desafios a serem superados. Um é a extinção dos cursos de pós-graduação ditos *latu sensu* pelo Conselho de Pós-Graduação, há dois anos. Isso fez com que o Curso de Especialização em Tradução, do DLM, deixasse de existir. Ainda há algumas turmas concluindo esse curso, mas ele não admite mais matrículas. Desse modo, o Conselho Departamental está discutindo a criação e o desenvolvimento de alternativas, como um mestrado profissional e/ou um mestrado acadêmico em Tradução, além de disciplinas dessa especialidade na graduação. Mais uma vez, a implementação desse projeto depende da contratação dos docentes prometidos com base nas negociações da greve de 2002.

Um outro desafio diz respeito à recusa, por parte da Pró-Reitoria de Graduação, (“sem argumentos válidos”, na opinião de Mario), da solicitação de cinco anos como

prazo mínimo para as habilitações em línguas estrangeiras da graduação em Letras. O professor explica que, como houve a criação de um ano básico, comum a todos os alunos, é impossível habilitar o aluno em uma língua estrangeira apenas nos três anos restantes. No manual da Fuvest, está estabelecido que o curso de Letras dura quatro anos. Na prática, os alunos não se formam em menos de cinco anos, a não ser quando a habilitação é apenas em Língua Portuguesa ou em Lingüística. Segundo o chefe do DLM, esse problema já foi encampado pela Congregação e pela Diretoria da Faculdade. "Por que devemos aceitar que a formação de um médico, de um advogado ou de um engenheiro dure mais que quatro anos e a formação de um indivíduo pensante, em condições de se transformar em professor e pesquisador deve ocorrer em um prazo menor?, questiona. "O ensino médio não consegue ensinar línguas estrangeiras. Nós temos que alfabetizar o aluno na língua estrangeira, levá-lo à reflexão crítica sobre essa língua e ao conhecimento e análise de sua literatura. Em três anos, é impossível", conclui.

Chefe do Departamento:

Professor Mario Miguel González

Suplente do Chefe: Professora Olga Alejandra Mordente

FUNCIONÁRIOS

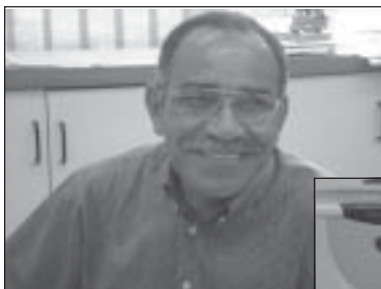
· Francisco Moreira dos Santos – secretário do Departamento

SECRETARIA DA GRADUAÇÃO

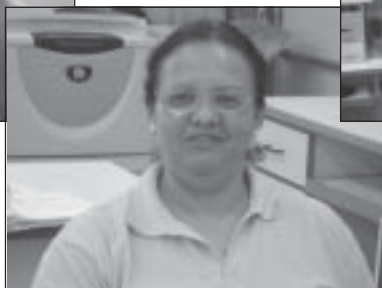
· Jônatas de Freitas Tallarico – técnico acadêmico
 · Maria Cleide Rodrigues da Silva – técnica acadêmica
 · Romilda Gonçalves da Silva Petta – técnica acadêmica

SECRETARIA DA PÓS-GRADUAÇÃO

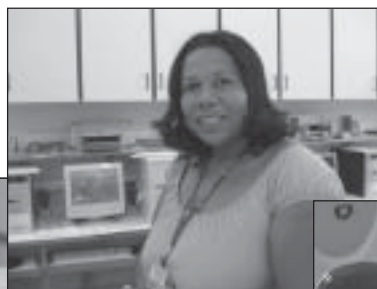
· Edite dos Santos Nascimento Mendes Pi – técnica acadêmica
 · Luís Henrique Costa – técnico acadêmico
 · Caroline Serafim Sardeira da Silva - estagiária
 · Márcia Cristina Arruda de Araújo – monitora



Francisco



Romilda



Edite



Jônatas

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Mamede

Mamede Mustafa Jarouche como chefe do DLO.

O DLO possui 30 professores, 670 alunos de gradu-

ação matriculados no segundo semestre nas seis habilitações (árabe, armênio, chinês, hebraico, japonês e russo), 91 pós-graduandos nos quatro programas oferecidos (Língua, Literatura e Cultura Árabe, Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas e Literatura e Cultura Russa). Há, ainda, 91 alunos matriculados nos cursos de extensão e difusão cultural. Desse modo, uma das propostas de Mamede é ampliar o quadro de docentes do Departamento, bem como o de funcionários.

Jorge Luiz Mesquita, funcionário responsável pela

secretaria de pós-graduação, é um dos prejudicados pela carência de servidores. Como o Departamento conta apenas com cinco funcionários e dois monitores, ele fica no impedimento de realizar outras atividades, como a participação em eventos culturais e em cursos oferecidos para o aperfeiçoamento profissional. Além disso, ele também está fazendo parte de uma Comissão de Sindicância, a pedido do diretor Gabriel Cohn. Maribel Figueiredo Santos da Silva Arruda, secretária do Departamento, considera que a contratação de pelo menos mais um funcionário é fundamental para agilizar as tarefas das duas secretarias.

Um outro problema que Maribel e Jorge vêem no DLO é a falta de entendimento do público quanto às regras e aos prazos para o desenvolvimento de certas atividades. Ela cita dois exemplos. Um é o período determinado pelo Serviço de Cultura e Extensão Universitária para a entrega das propostas de cursos de difusão, prazo esse que, algumas vezes, não é respeitado por alguns docentes. Outro refere-se às alterações de notas e frequências solicitadas pelos alunos. Segundo ela, alguns estudantes não entendem que, antes de qualquer alteração, o docente responsável pela disciplina deve analisar o caso e assinar a retificação. "Não somos nós que colocamos as regras. Elas foram aprovadas pelas instâncias competentes e a nós, resta cumpri-las. Quem não é afeito à burocracia, infelizmente, não entende isso", lamenta a secretária.

Esse problema em relação aos prazos também prejudica a secretaria de pós-graduação, principalmente no que diz respeito ao relatório CAPES. Segundo Jorge, esse trabalho exige uma grande atenção não apenas dos funcionários responsáveis pelo setor, mas principalmente dos docentes e dos pós-graduandos. "É preciso que eles nos enviem todas as suas publicações, produções, projetos e participações em congressos. Ninguém melhor que o próprio aluno ou docente para saber de sua vida acadêmica", ressalta Jorge. Ele explica que quando essas informações não são enviadas no tempo correto, o programa acaba sendo prejudicado com uma nota menor em relação àquela que mereceria. Para ele, a colaboração dos docentes e alunos é fundamental para evitar que isso aconteça, já que os programas de pós-graduação do DLO são conhecidos nacional e internacionalmente. "Muitos dos nossos professores são convidados para ministrarem cursos no exterior. Recebemos, também, muitos professores visitantes. Isso contribui para um crescimento cada vez maior das nossas áreas didáticas", explica.

O professor Mamede, no entanto, lamenta que esse crescimento e relevância dos estudos orientais não se-

jam reconhecidos dentro da própria FFLCH. Segundo ele, depois da greve de 2002, alguns alunos propuseram a inclusão de alguma disciplina obrigatória da área de orientais no ciclo básico. "A discussão sobre isso não foi nem aceita por parte dos meus colegas dos outros Departamentos", afirma o professor. Questionado sobre a viabilidade de se levar essa proposta adiante, Mamede deixa claro: "Não há disponibilidade para o diálogo. Eles argumentam que o currículo já está fechado, mas na verdade o que eu vejo é o racismo não apenas contra os árabes, mas contra o oriente em geral", explica. Para ele, do mesmo modo que o curso de Letras é discriminado por outras áreas do conhecimento, o DLO é discriminado pelos outros Departamentos de Letras.

O professor também cita como exemplo a inexistência de especialistas em filosofia árabe, hebraica ou judaica no Departamento de Filosofia. Segundo ele, o DLO contratou, recentemente, um professor para a área de cultura árabe, que também é especialista em filosofia árabe. "Qualquer um sabe que essa área é extremamente importante para a filosofia medieval. Veja só, eu aqui no meu pequeno curso de árabe tentando suprir uma lacuna em um Departamento tão renomado como o de Filosofia", diz.

Desse modo, ele considera que o grande desafio do DLO é legitimar, intelectual e academicamente, os estudos orientais. Para o professor, essa conscientização já está presente em muitos alunos. Na sua opinião, o que impede uma procura maior pelos cursos e habilitações do Departamento não é o preconceito por parte dos estudantes e sim a dificuldade e a falta de tempo e de recursos. "O aprendizado de Letras Orientais exige mais esforços do que o estudo e o aprendizado de línguas indo-europeias", explica. Mamede defende que seria essencial que os alunos do DLO, não apenas os de pós, mas também os de graduação, passassem um tempo nos países onde se fala a língua que eles estão estudando. "Eu conheço pessoas que falam bem o inglês, o espanhol, o italiano e o francês sem nunca terem saído do Brasil. No caso do árabe, hebraico, chinês, japonês ou armênio é mais difícil, pois são línguas que possuem estruturas sintáticas e de pensamento completamente diversas das nossas. A Universidade ou os órgãos de fomento à pesquisa deveriam disponibilizar verbas para isso", finaliza.

Chefe do Departamento:

Professor Mamede Mustafa Jarouche

Suplente do Chefe:

Professora Arlete Orlando Cavaliere

Funcionários

- Maribel Figueiredo Santos da Silva Arruda – secretária do Departamento
- Marcelo Gonçalves – operador de audiovisual

Secretaria da Graduação

- Álvaro Antonio de Paula – técnico acadêmico

- Iva Dias – técnica acadêmica
- Marisa Alves de Souza – monitora
- Patrícia Regina Signer Azevedo – monitora

Secretaria da Pós-graduação

- Jorge Luiz Mesquita – técnico acadêmico e responsável pela secretaria de pós-graduação.



Maribel



Iva



Jorge



Alvaro

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Esmeralda

O Departamento de Lingüística (DL), embora pequeno, é um Departamento muito vivo: são muitos os alunos e variados os grupos de pesquisas e as áreas de estudo. Essa é a opinião da professora Esmeralda Vailati Negrão a respeito do Depar-

tamento do qual é chefe.

Além do oferecimento de uma disciplina para os 849 alunos do ciclo básico que ingressam no curso de Letras anualmente, o DL é também responsável pela formação de 328 estudantes que optam pela habilitação em Lingüística, e dos 137 pós-graduandos que cursam seus programas de Mestrado e Doutorado, além de comple-

mentar a formação dos alunos do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da USP, com o oferecimento de disciplinas de Lingüística imprescindíveis para quem trabalha na área de problemas de linguagem. Na pós, atuam 37 docentes, mas no departamento há apenas 19 professores ativos, ou seja, que ainda não se aposentaram. Diante dessa realidade, uma das metas do Departamento ao longo dos últimos anos foi a recomposição de seu quadro docente: segundo a professora, no início da década de 1990, o DL possuía 20 professores. Antes da greve de 2002, esse número caiu para 14, fazendo com que muitas salas tivessem mais de 200 alunos.

Hoje, com 19 professores, o DL deve garantir o oferecimento de *Elementos de Lingüística* para os 849 ingressantes divididos em 10 turmas, além das disciplinas do bacharelado em Lingüística e de quatro disciplinas

obrigatórias para os alunos do curso de Fonoaudiologia, da Faculdade de Medicina da USP (*Elementos de Linguística I e II, Fonética e Fonologia*). Também oferece cursos de pós e disciplinas optativas para os alunos de Letras. Desse modo, as contratações visam, além de garantir o oferecimento de todo esse conjunto de disciplinas de graduação e pós-graduação, a fortalecer áreas de pesquisas já consagradas no Departamento, como Semiótica e Teoria Gramatical, ou áreas ainda em desenvolvimento, como Aquisição da Linguagem, e abrir novas áreas de estudos, como a neurolinguística, uma constante solicitação dos alunos.

Esmeralda ressalta que o DL tem o objetivo de fazer com que os professores recém-contratados ingressem o mais brevemente possível na pós-graduação. No entanto, como a pós tem critérios bastante rígidos em termos de excelência, um jovem doutor precisa de algum tempo para dar solidez à sua produção acadêmica e, assim, obter o seu credenciamento no programa. “O Departamento deve oferecer todas as condições para que esses jovens docentes atinjam esse grau”, afirma. Isso inclui o incentivo à participação em congressos e eventos, inclusive com o financiamento de visitas, estadias e estágios. Ela explica que, mesmo com um grande acúmulo de trabalho e de carga didática entre os docentes, o DL tem a política de que, a cada semestre, um professor se afaste para realizar um estágio de pós-doutorado no exterior.

Para a professora, esse incentivo é uma das razões para que o curso da pós-graduação em Linguística tenha a nota máxima oferecida pela CAPES: 7. Na opinião de Érica Flávia de Lima Souza, secretária do Departamento, dada a excelência do curso e o consequente acúmulo de trabalho existente na secretaria de pós, o número de funcionários não é suficiente: são apenas 3, mais dois monitores. “Somos um Departamento pequeno se levarmos em consideração o DLM e o DLCV, mas por termos um curso nota 7, devemos estar sempre trabalhando para permanecermos na frente”, destaca Érica.

Além do problema do espaço físico, insuficiente para as salas de aulas, gabinetes e grupos de pesquisas, o que é comum em todos os Departamentos do prédio, Esmeralda vê outras dificuldades a serem superadas. Uma é a necessidade de expansão e atualização dos equipamentos disponíveis para as áreas administrativas e para o desenvolvimento de atividades de pesquisa. Esse problema também é encontrado no laboratório de fonética.

Ela ressalta que, recentemente, foi contratada uma professora da área, a qual fez uma nova organização no laboratório. Hoje, ele dispõe de computadores e softwares específicos, mas ainda faltam alguns aparelhos e uma verba maior para a manutenção.

Outro desafio é ampliar os cursos de difusão cultural. O DL já ofereceu, para a comunidade em geral, um curso básico de linguística e outro de semiótica. Hoje, oferece apenas um, de swahili (uma língua africana). “Se pudéssemos, expandiríamos esses cursos. Mas não conseguimos fazer muitos planos, já que são muitas as coisas das quais estamos tratando no momento”, explica a professora.

Ela destaca a importância da articulação do DL com a unidade em geral. Atualmente, há alguns projetos coletivos em desenvolvimento com outros Departamentos. Um é o LEI (Laboratório de Estudos da Intolerância), no qual alguns docentes do DL trabalham com a intolerância linguística. Outro, é um trabalho sobre a língua de sinais, realizado com alguns deficientes auditivos. Há também um estudo sobre línguas africanas, realizado juntamente com o DLCV. No próximo ano, o DL oferecerá uma disciplina optativa aos alunos de Filosofia. Já os alunos de linguística terão a oportunidade de cursar *Filosofia da Linguagem* no Departamento de Filosofia.

Além dessa integração entre os Departamentos, Esmeralda ressalta a pluralidade de visões teóricas existentes no DL. Segundo a professora, são essas múltiplas abordagens da linguística que contribuem para a realização de seminários e grupos no DL, como o Grupo de Estudos Semióticos (GES-USP) e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GESOL). “Essa pluralidade teórica é muito importante, porque faz do DL um ambiente muito rico”, conclui.

Chefe do Departamento:

Professora Esmeralda Vailati Negrão

Suplente do Chefe:

Professora Ana Paula Scher

Funcionários

- Érica Flávia de Lima Souza – secretária do Departamento
- Ben-Hur Eusébio – técnico acadêmico
- Camila dos Santos Ribeiro – monitora
- Daniel Batista Vio – monitor responsável pelo site do Departamento
- Robson Dantas Vieira – técnico acadêmico

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Maria Augusta

Um Departamento que não tem habilitação, mas que cumpre um papel essencial na formação dos alunos do curso de Letras. É assim que a professora Maria Augusta Fonseca define o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC), do qual é chefe. Embora o DTLLC não ofereça disciplinas voltadas para a licenciatura, todos os 849 alunos que ingressam anualmente no curso de Letras devem cursar, no ciclo básico, uma disciplina oferecida pelo DTLLC: IEL - *Introdução aos Estudos Literários* I e II, que contempla cinco turmas no período da manhã e cinco no período noturno, duas vezes por semana. Sem essa disciplina obrigatória, os alunos não conseguem se classificar para a escolha da língua e literatura que cursarão no 2º ano e, do mesmo modo, não poderão concluir o curso de Letras. "O curso de IEL é fundamental para todas as literaturas. Com o mesmo instrumento teórico, você pode ler criticamente literatura russa, chinesa, americana ou brasileira. Sem as ferramentas analíticas de Teoria Literária e de Literatura Comparada, o curso não seria de Letras (no sentido amplo) e sim de Línguas", explica a professora.

O DTLLC também oferece duas optativas: uma de Teoria Literária e outra de Literatura Comparada. Segundo a professora, ambas são muito concorridas, permitindo o acesso a uma fundamentação crítica mais complexa. A professora calcula que o Departamento atende, em média, 2200 alunos por ano, aí inclusos os 849 ingressantes mais os alunos que cursam optativas, aos quais são oferecidas quatro turmas, distribuídas nos períodos diurno e noturno. Na pós-graduação, há 116 estudantes regularmente matriculados. O DTLLC oferece três cursos de pós por semestre, que são ministrados por professores da casa e por professores credenciados junto ao programa de pós do Departamento.

Para atender a essa demanda, o DTLLC conta com 18 professores ativos. Dois docentes acabaram de ser admitidos por um concurso realizado nos meses de agosto e setembro de 2006. Vale lembrar que esses claros

foram conquistados em função da greve de 2002. Com isso, o DTLLC poderá contar com 20 professores a partir de 2007. Desse modo, compensam-se as três aposentadorias e um pedido de exoneração, que ocorreram no quadro de professores do Departamento nos últimos seis anos. O DTLLC também recebe regularmente professores visitantes (do Brasil e do exterior), que ministram cursos, palestras, participam dos colóquios e seminários acadêmicos, sempre no interesse de estabelecer novos diálogos com diferentes vertentes da crítica literária.

Assim, a professora considera fundamental que se amplie o quadro docente para manter e aprimorar a qualidade do ensino, oferecer mais disciplinas optativas (por exemplo, *Correntes Críticas*) e permitir que o corpo docente possa se afastar para a realização de intercâmbios acadêmicos ou para o aprimoramento de pesquisas dentro e fora do país. Hoje, dado o número ainda insuficiente de seus docentes, o Departamento trabalha no limite. "Se dois professores tiram licença prêmio ou se afastam no mesmo período, não há ninguém para substituí-los. Quando isso acontece, o número de turmas precisa ser reduzido e os colegas ficam sobrecarregados", explica a professora. Maria Augusta lamenta esse fato, já que considera o intercâmbio como algo extremamente importante para o desenvolvimento dos professores e para a atualização profissional. "Nós estamos na Universidade de São Paulo, a mais importante do Brasil e da América Latina e uma das melhores do mundo. Seu padrão de excelência deve ser mantido", destaca.

Questionada sobre outras dificuldades enfrentadas no Departamento, a chefe considera que o DTLLC "caminha sem muitos ruídos", uma vez que docentes, funcionários e alunos sabem conviver com a discordância e com a diferença. "Os conflitos existem, mas os problemas são devidamente discutidos e colocados de uma maneira franca e límpida", afirma.

Os funcionários possuem uma posição semelhante. Tanto Maria Ângela Aiello Bressan Schmidt, secretária do Departamento, quanto Luiz de Mattos Alves, funcionário responsável pela secretaria de pós-graduação, afirmam que possuem liberdade e autonomia em suas rotinas. "Criamos uma cumplicidade com nossos professores e isso é muito bom porque gera a confiança", explica Maria Ângela. Essa

integração também existe entre os colegas das secretarias. “Nós somos quatro: três na secretária da graduação e um na da pós. Trabalhamos bem em equipe, todos entendem do serviço e das tarefas básicas” explica a secretária.

Como o DTLLC é um departamento pequeno, eles consideram o número de funcionários suficiente para dar conta do trabalho. A única coisa que os funcionários do DTLLC gostariam de mudar é o problema da falta de comunicação que ocorre, algumas vezes, com alguns setores da Faculdade.

No entanto, o fato de o Departamento caminhar bem, não significa que não existam desafios a serem enfrentados. A professora Maria Augusta cita alguns deles. Um é tentar retomar a oferta de curso de extensão para a comunidade. Um destes cursos, “Leituras e Leitores”, realizado há algum tempo resultou em dois livros muito procurados até hoje. Como atividade de extensão o DTLLC tem desenvolvido regularmente o projeto “A Voz do Escritor”. Uma outra proposta da professora é manter a publicação das duas revistas do Departamento: a *Magma*, dos alunos de pós e a *Literatura e Sociedade*, de responsabilidade docente, cuja próxima edição será sobre Literatura Comparada. Ela ainda explica que há vários professores recém-contratados cujas teses meritórias ainda não se transformaram em livros, sendo do interesse do Departamento, sempre que possível, encaminhá-las a editores para a publicação.

Maria Augusta também destaca como um diferencial do DTLLC os seminários acadêmicos, nos quais todos os professores se reúnem para a discussão de algum tema teórico-crítico. Muitas vezes os docentes fazem a apresentação de pesquisas que estão no início ou que já foram concluídas.

A professora ressalta que o DTLLC privilegia a qualidade em seus trabalhos acadêmicos, pesquisas e publicações. Segundo informa, órgãos de fomento como a CAPES e o CNPq estão valorizando, hoje, muito mais a quantidade e a rapidez da publicação em detrimento da qualidade. Maria Augusta defende que o trabalho dos intelectuais e pesquisadores da área das humanidades possui certas especificidades, que não são as mesmas da física, da psicologia ou da matemática “Muitas vezes, passamos três, cinco, seis anos, analisando um documento, um livro, um manuscrito. Só depois temos condições de escrever uma dissertação, uma tese, ou de produzir um livro”, explica. “A USP tem um grau de excelência que deve ser mantido. Não vamos abrir mão disso e começar a publicar em série qualquer coisa que apareça pela frente. Não somos fábricas de fazer textos, nem distribuidores de títulos”, conclui.

Chefe do Departamento:

Professora Maria Augusta Fonseca

Suplente do Chefe:

Professora Andrea Saad Hossne

Funcionários

· Maria Angela Aiello Bressan Schmidt – secretária do Departamento

Secretaria de Graduação

· Suely Maria Regazzo – secretária
· Zilda Ferraz – técnica acadêmica

Secretaria de Pós-Graduação

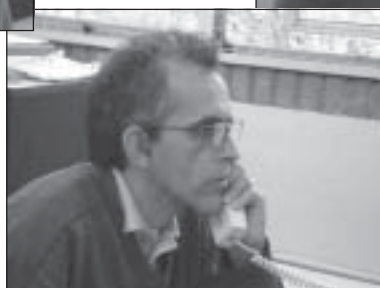
· Luiz de Mattos Alvez – técnico acadêmico



Angela



Suely



Luiz



Zilda

EVENTOS

DAAD Deutscher Akademischer Austausch Dienst
Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico



LEMBRAR OU PUNIR

Como lidar com regimes autoritários



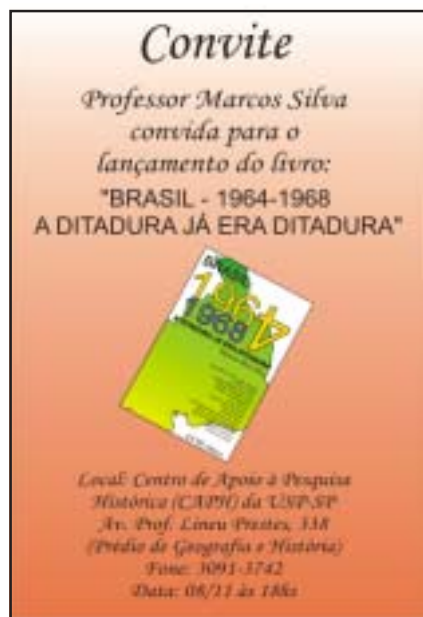
SEMINÁRIO INTERNACIONAL

9 de novembro 9h-19h30min
10 de novembro 10h-17h00min



Anfiteatro do Depto. de Geografia
FFLCH – USP
Av. Prof. Lineu Prestes, 338
Cidade Universitária
São Paulo-SP

Inscrições: wk@daad.org.br



I ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS DA FFLCH/USP

dias 21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2006

OBJETIVO

Propiciar a troca de experiências de pesquisa entre mestrandos e doutorandos dos diversos Programas de Pós-Graduação da Faculdade

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenadores e/ou vice-coordenadores dos Programas de Pós-Graduação da FFLCH, além de outros professores interessados

PERFIL DOS INSCRITOS

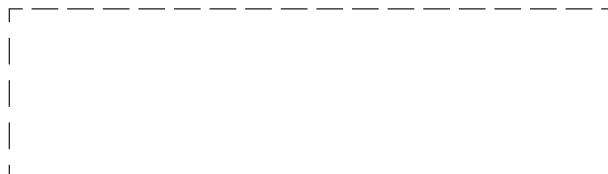
Mestrandos que ingressaram nos Programas e iniciaram efetivamente suas atividades há, no mínimo, um ano (setembro de 2005) e doutorandos que o fizeram há no mínimo dois (setembro de 2004).

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 30 – outubro+/2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – AÇÃO
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938



O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: informe@usp.br